CONVERGÊNCIA

ISSN 0010-8162

Abril 2007 • Ano XLII • Nº 401

- O Religioso/a e a pós-modernidade
- Urgência de uma estratégia ética face ao sistema da mídia
- Despertar
- Da Vida Consagrada à consagração da vida: Reflexões para uma mística socioambiental
- De um Deus intervencionista para um Deus

CRB

EDITORIAL 129
PALAVRA DO PAPA 134
INFORME CRB 139
ARTIGOS 142
O Religioso/a e a pós-modernidade 142
J. B. LIBANIO, SJ
Urgência de uma estratégia ética face ao sistema da mídia 153
CARLOS JOSAPHAT, OP
Despertar 166
ANTONIETA POTENTE, OP
Da Vida Consagrada à consagração da vida: Reflexões para uma mística socioambiental 175
MÁRCIO HENRIQUE PEREIRA, OFM
De um Deus intervencionista para um Deus acionista na História 181
MOACIR CASAGRANDE, OFMCAP.

A ilustração da capa da Convergência de 2007, do artista Anderson S. Pereira, MSC, foi inspirado no livro de Rute, no qual a mulher é protagonista do resgate da vida. A realidade de dor e esperança transpassa o corpo da mulher, símbolo da VRC inserida que vive o mistério de Deus encarnado.

CONVERGÊNCIA
Revista Mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL
Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL
Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO
Coordenadora
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial
Ir. Aíla Luiza Pinheiro de Andrade, NJ
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitório, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
20038-900 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2240-7299
Fax (21) 2240-4486
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF
sob o nº P. 209/73

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura Anual para 2007 | Brasil: R$ 80,00
Exterior: US$ 80,00 ou o correspondente em R$ (Reais)
Números avulsos: R$ 8,00 ou US$ 8,00

PROJETO GRÁFICO: *Célia Maria Cerveira - Designer Gráfico*

A primazia do amor

O amor ao próximo é característica fundamental da vida cristã. Seguir Jesus implica necessariamente amar o irmão. No Evangelho são inúmeras as referências a esse preceito maior do amor. O apóstolo João é contundente: "Se alguém disser: – eu amo a Deus, mas odiar seu irmão, é mentiroso, pois que não ama o seu irmão a quem vê, como pode amar a Deus a quem não vê?" (1Jo 4,20). O amor a Deus e o amor ao próximo são pois inseparáveis e constituem um único mandamento. Há um nexo profundo entre ambos, uma relação intrínseca e indissociável, que o mesmo Jesus estabeleceu.

Na sua encíclica *Deus é amor*, o Papa Bento XVI lembra o destaque que a tradição da Vida Religiosa desde as suas origens conferiu sempre a esse preceito do amor ao próximo indissoluvelmente associado ao amor de Deus: "todo o movimento monástico, logo desde os seus inícios com Santo Antão abade, exprime um imenso serviço de caridade para com o próximo. No encontro *face a face* com aquele Deus que é amor, o monge sente a exigência de transformar toda a sua vida em serviço ao próximo. Assim se explicam as grandes estruturas de acolhimento e serviço que surgiram ao lado dos mosteiros. De igual modo se explicam as extraordinárias iniciativas de promoção humana e de formação cristã destinadas primeiramente aos mais pobres, de que se ocuparam primeiramente as ordens monásticas e mendicantes e, depois, os vários Institutos religiosos masculinos e femininos ao longo de toda a história da Igreja. Figuras de santos como Francisco de Assis, Inácio de Loyola, João de Deus, Camilo de Léllis, Vicente de Paulo, Luísa de Marillac, José Cottolengo, João Bosco, Luís Orione, Teresa de Calcutá permanecem modelos insignes de caridade social para todos os homens de boa vontade".

No mundo pós-moderno de hoje o preceito de Jesus – "amai-vos uns aos outros como eu vos amei", e a sua advertência – "Sempre que fizestes isso a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes"–, bem como a tradição da Vida Religiosa de amor ao irmão mais necessitado, têm peculiar atualidade. A sociedade hodierna encontra-se cada vez mais dividida por interesses de ordem econômica e cultural. Há cada vez menos espaço para quem não consegue se ajustar às rígidas leis do mercado. Cresce a concentração do poder e da renda e como efeito cascata aumentam a pobreza e a exclu-

são. A escalada da violência chega a atingir níveis insuportáveis à consciência ética e cidadã. O egoísmo e o afã do lucro levam pessoas e nações a se fecharem sobre si mesmas, ignorando o sofrimento dos excluídos.

Na América Latina, tal situação constitui um desafio evidente para a missão da Igreja e para a fidelidade da Vida Religiosa às suas origens e à sua grande Tradição. Nas últimas décadas esse desafio levou inumeráveis cristãos e cristãs, entre eles religiosos e religiosas de diferentes procedências a se comprometerem com a causa da justiça e da transformação social até o martírio. Oscar Romero é ícone mundialmente reconhecido dessa *multidão* de testemunhas fiéis do amor preferencial de Deus pelos *crucificados da história,* que entregaram a vida e derramaram o sangue para descer da cruz a esses crucificados. *Descer da cruz os povos crucificados* se transformou com Inácio Ellacuría e seus irmãos e colaboradoras de comunidade, quase todos assassinados em el Salvador pela causa da justiça, na grande consigna de todos aqueles que professam sua fé no Deus de Jesus e que encarnam essa fé em atitudes concretas de amor ao irmão até à morte.

São muitos os que hoje, às vésperas da V Conferência dos Bispos da América Latina se perguntam pelo que não pode faltar em Aparecida. A resposta a essa pergunta abre um leque considerável de urgências pastorais, mas aponta sobretudo para uma firme e significativa esperança do povo dos empobrecidos: Em Aparecida não pode faltar a *presença* interpeladora dos *crucificados da história* a perpassar transversalmente os estudos e deliberações, e a inspirar a Assembléia nas suas opções e decisões. Em linguagem evangélica, em Aparecida não pode faltar o preceito maior de Jesus do amor ao irmão mais pequenino e seu critério de julgamento da história: - "Sempre que fizestes isso a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes".

Os artigos de Convergência deste mês de abril querem contribuir para a reflexão das Comunidades sobre alguns dos grandes desafios do momento atual, ajudando-as a adentrar no clima de discernimento eclesial que deve caracterizar Aparecida, considerada não só como evento pontual, mas como um momento de graça na vida dos nossos povos.

João Batista Libanio no seu artigo - "O Religioso e a pós-modernidade" - oferece à reflexão das comunidades religiosas um "mapa das subjetividades" no atual momento cultural. O texto é interessante e iluminador. Parte de uma consideração de corte histórico-analítico sobre a situação de crise que atingiu a Vida religiosa de maneira mais acentuada a partir do Vaticano II, no intuito de levar a "entender melhor o impacto da pós-modernidade em seu caráter paradoxal". A ênfase no valor da pessoa humana, como sujeito livre e consciente que interpreta o mundo, com o conseqüente espectro de relativismo são lembrados como componentes marcantes dessa crise, na qual se passa de uma subjetividade submissa e acolhedora de verdades e valores ensinados em nome de Deus, a uma autonomia e independência do sujeito que relativiza tudo. Nesta perspectiva o autor faz perguntas provocadoras: "Como, dentro da modernidade sair da posição tradicional sem cair num relativismo sem peias? Que relativização é aceitável e que outra ultrapassa os limi-

tes da própria racionalidade humana e muito mais ainda da revelação?" O autor faz ainda uma breve e iluminadora avaliação teológica do relativismo visto também nas perspectivas filosófica, psicológica e social. A abordagem do momento cultural da pós-modernidade é o conteúdo central do artigo. Afirma-se aí que na pós-modernidade a subjetividade apresenta-se como continente a ser explorado nas suas várias manifestações: incerta e mesclada, autônoma, partida, fragmentada, cansada, midiática e de relações virtuais, sub-religiosa. Mas o autor observa também com pertinência que não tudo é presentismo, hedonismo, virtual midiático, consumismo na juventude pós-moderna. E termina lançando um desafio: "A vida consagrada, quando ainda esposa ideais solidários e missionários, atrai tais subjetividades. É o melhor que temos. De tal juventude espera-se renovação da vida consagrada, desgastada em muitos pontos pela acomodação ao pior do sistema capitalista: consumismo, hedonismo, individualismo exacerbado".

O texto de Carlos Josaphat,op – "Urgência de uma estratégia ética face ao sistema da mídia" – é de extrema atualidade. O autor começa o seu artigo enfatizando o papel da comunicação na realização da pessoa e da sociedade: "Ela é o dinamismo primordial da existência humana em sua dimensão racional, espiritual e relacional, abrindo-lhe caminho para a convivência fraterna e a comunhão com Deus". Depois de breve análise dos elementos da antropologia teológica que fundamentam a questão, o autor passa à questão da ética na mídia. Lembra que o primeiro critério para uma avaliação pertinente da mídia é sua orientação de base, de respeito ou de profanação das inteligências, do nível de curiosidade que ela desperta e mantém. Segundo expressão do autor, "a comunicação será autêntica se encaminha a opinião para os verdadeiros problemas humanos e para a atitude de responsabilidade diante deles. A comunicação se tornará essencialmente perversa e pervertedora quando se esbanja em cultivar a curiosidade banal, toda açodada em suscitar e alimentar desejos artificiais de prazer e consumo". O núcleo central do artigo se ocupa da candente questão da necessidade da estratégia ética diante do sistema, uma estratégia suscetível de viabilizar o empenho de toda a sociedade e de pôr em ação toda a técnica, a serviço dos objetivos humanos. Para o autor "não bastam algumas campanhas isoladas e menos ainda improvisadas. Todas as pesquisas e meios técnicos devem ser conjugados em todos os países, a começar pelos países mais desenvolvidos. Pois, neles a corrupção e a violência têm implantadas suas verdadeiras origens, seus clientes privilegiados e sua "logística", para se espalhar pelo mundo em um anti-sistema sofisticado, buscando corroer o sistema democrático". Nessa perspectiva o autor apresenta propriedades e etapas da estratégia ética. Desenvolve questões de grande atualidade: a ética em situação, a vigilância cívica e ética como atitude primordial, a necessidade de atuar sobre o sistema de dentro do sistema, os novos modelos de sociedade, de mídia e de ética, o imperativo de superar analfabetismos informáticos. Conclui o artigo referindo-se à estratégia ética e mística do amor universal, e interpelando a Vida Religiosa: "A vida Religiosa é o lugar privilegiado para se entender que a ética sistêmica e

operacional da mídia resplandece como a grande exigência humana e evangélica. Mas a urgência se impõe. Cumpre compensar o atraso das consciências em detectar, perceber, analisar os problemas éticos dessa mídia que tudo mostra, mas se esconde astuciosamente".

"Desperta" é o sugestivo artigo de Antonieta Potente, que convida religiosas e religiosos a refletir sobre a metodologia do "ver-julgar-agir", que há anos se incorporou às práticas eclesiais na América Latina. A autora parte da constatação de que esta metodologia está ausente no Documento de Participação da V Conferência do Episcopado latino-americano e caribenho, substituída por outra mais racional, menos encarnada na realidade do dia a dia do Continente. Com essa percepção a autora sugere que se pense ao contrário, que se volte a percorrer os caminhos mais cotidianos do Continente e a reencontrar o ponto de vista das nossas comunidades, interpelando a comunidade cristã latino-americana, a sua teologia e a sua prática com a desafiadora pergunta: "Há alguém que nos ouça?" A partir daí o texto de Antonieta Potente, de corte nitidamente poético e existencial, aborda quatro grandes questões que são substancialmente o conteúdo da metodologia do "ver-julgar-agir". A autora lembra que nessa metodologia é importante aprender a ler o reverso da história, o que significa "voltar a buscar outros pontos de vista e, então, outros caminhos e outras possibilidades, partindo de outras pessoas e outros sujeitos. O reverso da história traz o eco evangélico, com sua profunda sabedoria: os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros... os maiores (serão) os menores, e os menores os maiores... (Cf. Mc 10,31; Mt 20,16)". O artigo conclui com um veemente apelo a Aparecida: "Pedimos à V Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho que seja intercultural; tempo e espaço em que se encontram o despertar dos povos com o despertar da comunidade que crê: novo amanhecer da fé, das identidades e da biodiversidade cósmica, e, por isso, novo futuro".

O artigo de Márcio Henrique Pereira, ofm – "Da Vida Consagrada à consagração da Vida: reflexões para uma mística sócio-ambiental" – é um texto questionador e oportuno dentro do grande marco da temática da Campanha da Fraternidade de 2007. No início do texto, o autor lembra o testemunho de religiosas e religiosos que se comprometeram com a causa dos pequenos e excluídos na América Latina, desde os primórdios até nossos dias e evoca a figura de Ir. Dorothy Stang como símbolo do compromisso com a causa sócio-ambiental. Desenvolve com pertinência e lucidez o que se pode considerar as principais coordenadas dessa causa, enfatizando a relação mútua que existe entre pobreza e destruição ambiental, decorrentes ambas da exploração de sistemas sócio-econômicos que colocam o lucro acima das pessoas e nações, destroem os recursos naturais e abalam o equilíbrio do eco-sistema. No dizer do autor, a Vida Religiosa está sendo hoje drasticamente desafiada por esses graves problemas que afligem e ameaçam a comunidade humana. Para ele, a integração eco-planetária é tarefa urgente. É inadiável abrir espaço a uma economia da resistência e da recusa de um sistema político-social de base econômica, altamente destruidor e corrupto. Na conclusão, o autor insta as comu-

nidades religiosas a um sério compromisso sócio-ambiental, assumido a partir das urgências do seu contexto: "Em cada comunidade nas quais estamos e vivemos há um sem número de problemas sociais. A eles se associam problemas ambientais. Um pouco de sensibilidade, de escuta, de abertura, permite com facilidade descortinálos. As comunidades mesmas nos levam a eles. Fazem-nos perceber sua gravidade, sua urgência... É uma gama enorme de desafios. Claro que cada religioso individualmente não dá conta desta enormidade de problemas. Mas cada um, em sua área de atuação específica, pode contribuir significativamente para suscitar consciência ambiental, primeiro em si mesmo e depois na comunidade circunvizinha, e buscarmos, juntos, soluções conjuntas".

"De um Deus intervencionista para um Deus acionista na História", – de Moacir Casagrande, ofm-cap, – é um artigo sugestivo e questionador. Logo no começo do texto o autor expressa sua preocupação com determinadas tendências que se vêm manifestando no campo da espiritualidade hoje. Nessa perspectiva analisa o movimento pentecostalista, "que atribui ao Espírito Santo um show de ações miraculosas de Deus". Para esclarecer ação de Espírito na história de Jesus e das comunidades dos seus seguidores, o autor convida os leitores a observar com atenção o que os textos sagrados dizem sobre o Espírito Santo. Comenta alguns textos paulinos, onde se pode perceber com grande clareza o *lugar* do Espírito Santo na economia da salvação, a gratuidade dos dons que o Espírito distribui aos fiéis, o serviço como finalidade desses dons, a ação do Pai através do Espírito. Tece interessantes e sugestivas considerações em torno a passagens dos evangelhos que falam do Espírito na vida de Jesus e no seu anúncio do Reino. Destaca ainda algumas figuras bíblicas – Maria, Simeão, João Batista – nas quais essa mesma ação é manifestada. Analisa o episódio das tentações de Jesus no deserto, a narrativa da atuação de Jesus na Sinagoga de Nazaré, os textos relativos à missão de Jesus e à grande polêmica com as autoridades de Israel, que parecem querer controlar o Espírito. Na parte final do artigo, o autor enfatiza que "a missão do Jesus histórico continua na história através dos discípulos e discípulas dele, com a assistência do mesmo Espírito... Os discípulos são encarregados de testemunhar tudo quanto Jesus fez e ensinou, para isso contam com a assistência do Espírito. É no engajamento, na ação evangelizadora e salvadora de Jesus que o discípulo obtém o revestimento da *força do Alto*, isto é, o Espírito Santo. Além do conteúdo, se explicita também o espaço de atuação. Partindo da realidade local onde a experiência de Deus é feita, segue como uma onda até transcender todas as fronteiras da terra... Pelo Espírito Cristo continua sendo gerado nas comunidades e gerando comunidades".

Mensagem do Papa Bento XVI para a XXII Jornada Mundial da Juventude

1º de abril de 2007

"Que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei" (Jo 13,34)

Queridos jovens!

Por ocasião da XXII Jornada Mundial da Juventude, que será celebrada nas Dioceses no próximo Domingo de Ramos, gostaria de propor à vossa meditação as palavras de Jesus: *"que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei" (Jo* 13,34).

É possível amar?

Cada pessoa sente o desejo de amar e ser amada. Mas como é difícil amar, quantos erros e falências devem verificar-se no amor! Há até quem chegue a duvidar que o amor seja possível. Mas se carências afetivas ou desilusões sentimentais podem levar a pensar que amar é uma utopia, um sonho irrealizável, talvez seja necessário resignar-se? Não! O amor é possível e a finalidade desta mensagem é contribuir para reavivar em cada um de vós, que sois o futuro e a esperança da humanidade, a confiança no amor verdadeiro, fiel e forte; um amor que gera paz e alegria; um amor que une as pessoas, fazendo-as sentir-se livres no respeito recíproco. Deixai então que eu percorra juntamente convosco um itinerário, em três momentos, na "descoberta" do amor.

Deus, fonte do amor

O primeiro momento refere-se à fonte do amor verdadeiro, que é única: é Deus. São João ressalta bem este aspecto ao afirmar que "Deus é amor" *(1Jo* 4,8.16); agora ele não quer dizer apenas que Deus nos ama, mas que o próprio ser de Deus é amor. Estamos aqui diante da revelação mais luminosa da fonte do amor que é o mistério trinitário: em Deus, uno e trino, há um intercâmbio eterno de amor entre as

pessoas do Pai e do Filho, e este amor não é uma energia ou um sentimento, mas uma pessoa, é o Espírito Santo.

A Cruz de Cristo revela plenamente o amor de Deus

Como se nos manifesta o Deus-Amor? Estamos no segundo momento do nosso itinerário. Mesmo se já na criação são claros os sinais do amor divino, a revelação total do mistério íntimo de Deus verificou-se com a Encarnação, quando o próprio Deus se fez homem. Em Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, conhecemos o amor em todo o seu alcance. De fato, "a verdadeira novidade do Novo Testamento escrevi na Encíclica *Deus caritas est* não consiste em idéias novas, mas na própria figura de Cristo, que dá carne e sangue aos conceitos um realismo extraordinário" (n. 12). A manifestação do amor divino é total e perfeita na Cruz, onde, como afirma São Paulo, *"é assim que Deus demonstra o seu amor para conosco: quando ainda éramos pecadores é que Cristo morreu por nós" (Rm* 5,8). Portanto, cada um de nós pode dizer sem receio de errar: *"Cristo amou-me e entregou-se a Si mesmo por mim"* (cf. *Ef* 5,2). Redimida pelo seu sangue, vida humana alguma é inútil ou de pouco valor, porque todos somos amados pessoalmente por Ele com um amor apaixonado e fiel, um amor sem limites. A Cruz, loucura para o mundo, escândalo para muitos crentes, é ao contrário "sabedoria de Deus" para todos os que se deixam tocar profundamente no seu ser, *"o que é considerado loucura de Deus é mais sábio que os homens, e o que é debilidade de Deus é mais forte que os homens" (cf. 1Cor* 1,24-25). Aliás, o Crucificado, que depois da ressurreição traz para sempre os sinais da própria paixão, ressalta as "falsificações" e as mentiras sobre Deus, que se disfarçam com a violência, a vingança e a exclusão. Cristo é o Cordeiro de Deus, que assume os pecados do mundo e desenraiza o ódio do coração do homem. Eis a sua verdadeira "revolução": o amor.

> **"é assim que Deus demonstra o seu amor para conosco: quando ainda éramos pecadores é que Cristo morreu por nós" (Rm 5,8).**

Amar o próximo como Cristo nos ama

Chegamos agora ao terceiro momento da nossa reflexão. Na cruz Cristo grita: "Tenho sede" *(Jo* 19,28): revela assim uma sede ardente de amar e de ser amado por todos nós. Unicamente se conseguirmos compreender a profundeza e a intensidade deste mistério, nos apercebemos da necessidade e da urgência de o amar por nossa vez "como" Ele nos amou. Isto exige o compromisso de dar também, se for necessário, a própria vida pelos irmãos amparados pelo Seu amor. Já no Antigo Testamento Deus dissera: *"Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Lv* 19,18), mas a novidade de Cristo consiste no fato de que amar como Ele nos amou significa amar todos, sem distinções, também os inimigos, "até ao fim" (cf. *Jo* 13,1).

Testemunhas do amor de Cristo

Gostaria agora de me deter sobre três âmbitos da vida quotidiana onde vós, queridos jovens, sois particularmente chamados a manifestar o amor de Deus. O primeiro é a Igreja que é a nossa família espiritual, composta por todos os discípulos de Cristo. Recordando-nos das suas palavras: "Por isso é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros" (*Jo* 13,35), alimentai, com o vosso entusiasmo e com a vossa caridade, as atividades das paróquias, das comunidades, dos movimentos eclesiais e dos grupos juvenis aos quais pertenceis. Sede solícitos em procurar o bem do próximo, fiéis aos compromissos assumidos. Não hesiteis em renunciar com alegria a alguns dos vossos divertimentos, aceitai de bom grado os sacrifícios necessários, testemunhai o vosso amor fiel a Jesus anunciando o seu Evangelho especialmente entre os vossos coetâneos.

"Por isso é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros" (Jo 13,35).

Preparar-se para o futuro

O segundo âmbito, no qual sois chamados a expressar o amor e a crescer nele, é a vossa preparação para o futuro que vos espera. Se sois noivos, Deus tem um projeto de amor para o vosso futuro de casal e de família e por conseguinte é essencial que o descubrais com a ajuda da Igreja, livres do preconceito difundido de que o cristianismo, com os seus mandamentos e as suas proibições, constitua obstáculos à alegria do amor e impeça em particular de viver plenamente aquela felicidade que o homem e a mulher procuram no seu amor recíproco. O amor do homem e da mulher está na origem da família humana e o casal formado por um homem e por uma mulher tem o seu fundamento no desígnio originário de Deus (cf. *Gn* 2,18-25). Aprender a amar-se como casal é um caminho maravilhoso, que contudo exige um tirocínio empenhativo. O período do noivado, fundamental para construir o casal, é um tempo de expectativa e de preparação, que deve ser vivido na castidade dos gestos e das palavras. Isto permite amadurecer no amor, na solicitude e nas atenções ao outro; ajuda a exercer o domínio de si, a desenvolver o respeito do outro, características do verdadeiro amor que não procura em primeiro lugar a própria satisfação nem o seu bem-estar. Na oração comum pedi ao Senhor que guarde e incremente o vosso amor e o purifique de qualquer egoísmo. Não hesiteis em responder generosamente à chamada do Senhor, porque o matrimônio cristão é uma verdadeira e própria vocação na Igreja. De igual modo, queridos jovens e queridas jovens, estai preparados para dizer "sim", se Deus vos chamar a segui-lo pelo caminho do sacerdócio ministerial ou da vida consagrada. O vosso exemplo servirá de encorajamento para muitos outros vossos coetâneos, que estão em busca da verdadeira felicidade.

Crescer no amor todos os dias

O terceiro âmbito do compromisso que o amor exige é o da vida quotidiana com as suas numerosas relações. Refiro-me sobretudo à família, à escola, ao trabalho e ao tempo livre. Queridos jovens, cultivai os vossos talentos não só para conquistar uma posição social, mas também para ajudar os outros "a crescer". Desenvolvei as vossas capacidades, não só para vos tornardes mais "competitivos" e "produtivos", mas para serdes "testemunhas da caridade". Juntai à formação profissional o esforço de adquirir conhecimentos religiosos úteis para poder desempenhar a vossa missão de modo responsável. Sobretudo, convido-vos a aprofundar a doutrina social da Igreja, para que a vossa ação no mundo seja inspirada e iluminada pelos seus princípios. O Espírito Santo faça com que sejais inovadores na caridade, perseverantes nos compromissos que assumis, e audaciosos nas vossas iniciativas, a fim de que possais oferecer o vosso contributo para a edificação da "civilização do amor". O horizonte do amor é verdadeiramente infinito: é o mundo inteiro!

"Ousar o amor" seguindo o exemplo dos santos

Queridos jovens, gostaria de vos convidar a "ousar o amor", isto é, a não desejar nada para a vossa vida que seja inferior a um amor forte e belo, capaz de tornar toda a existência uma jubilosa realização da doação de vós próprios a Deus e aos irmãos, à imitação d'Aquele que mediante o amor venceu para sempre o ódio e a morte (cf. *Ap* 5,13). O amor é a única força capaz de mudar o coração do homem e a humanidade inteira, tornando proveitosas as relações entre homens e mulheres, entre ricos e pobres, entre culturas e civilizações. Disto dá testemunho a vida dos Santos que, verdadeiros amigos de Deus, são o canal e o reflexo deste amor originário. Comprometei-vos a conhecê-los melhor, entregai-vos à sua intercessão, procurai viver como eles. Limito-me a citar Madre Teresa que, para se apressar a responder ao grito de Cristo "Tenho sede", grito que a comoveu profundamente, começou a recolher os moribundos nas estradas de Calcutá, na Índia. A partir de então, o único desejo da sua vida tornou-se o de extinguir a sede de amor de Jesus não com palavras, mas com gestos concretos, reconhecendo o seu rosto desfigurado, sequioso de amor, no rosto dos mais pobres. A Beata Teresa pôs em prática o ensinamento do Senhor: *"Sempre que fizerdes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes"* (cf. *Mt* 25,40). E a mensagem desta humilde testemunha do amor divino difundiu-se em todo o mundo.

> ***"Sempre que fizerdes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes"*** **(cf. Mt 25,40).**

O segredo do amor

Queridos amigos, a cada um de nós é concedido alcançar este grau de amor, mas

unicamente se recorrermos ao indispensável apoio da Graça divina. Só a ajuda do Senhor nos permite, de fato, evitar a resignação diante da grandiosidade da tarefa a ser desenvolvida e infunde-nos a coragem de realizar quanto é humanamente impensável. Sobretudo a Eucaristia é a grande escola do amor. Quando se participa regularmente e com devoção na Santa Missa, quando se transcorrem na companhia de Jesus Eucarístico pausas prolongadas de adoração é mais fácil compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do seu amor que ultrapassa todo o conhecimento (cf. *Ef* 3,17-18). Partilhando o Pão eucarístico com os irmãos da comunidade eclesial sentimo-nos depois estimulados a traduzir "depressa", como fez a Virgem com Isabel, o amor de Cristo em generoso serviço aos irmãos.

Rumo ao encontro de Sidney

A este propósito é iluminadora a exortação do apóstolo João: "Meus filhinhos, não amemos nem com palavras nem com a boca, mas com as obras e com a verdade. Por isto conheceremos que somos da verdade" (1 Jo 3,8-19). Queridos jovens, é com este espírito que vos convido a viver a próxima Jornada Mundial da Juventude juntamente com os vossos Bispos nas vossas respectivas Dioceses. Ela representará uma etapa importante rumo ao encontro de Sidney, cujo tema será: "Ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas" (At 1,8). Maria, Mãe de Cristo e da Igreja, ajudar-vos-á a fazer ressoar em toda a parte o grito que mudou o mundo: "Deus é amor!". Acompanho-vos com a oração e abençôo-vos de coração.

Vaticano, 27 de janeiro de 2007.

BENEDICTUS PP. XVI

Assembléia Geral Ordinária – Ampliada

"O Senhor disse a Moisés: Por que clamas a mim? Fala aos filhos e filhas de Israel que se ponham a caminho"
(Ex 14,15)

Com o objetivo de refletir e discernir coletivamente, os caminhos de animação da Vida Religiosa no Brasil; avaliar o Plano trienal; ser um espaço de partilha das experiências, desafios e expectativas das Secções Regionais; pensar a Conferência no seu aspecto institucional e nas suas formas de organização passível de mudança; promover a transparência e a co-responsabilidade, no uso e gestão dos bens colocados a serviço da vida e missão da CRB; apresentar e aprovar o Balanço Patrimonial Consolidado-2006 e preparar a XXI Assembléia Geral Eletiva, estiveram reunidas nos dias 05 a 09 de março/07, no Centro de Convenções "Israel Pinheiro" em Brasília/DF, a Diretoria Nacional, Conselho Superior, Conselho Fiscal, a Assessoria Executiva Nacional, todas as Presidentes e Assessoras Regionais.

Nas palavras que dirigiu a Assembléia assim se expressou a Presidente Nacional: A CRB não é apenas prestadora de serviços em termos funcionais de utilidade pública sócio-eclesial-religiosa, mas responde por uma missão intransferível, um carisma próprio que transcende as normas jurídicas e canônicas de funcionamento da organização.

As lideranças da CRB são convidadas a assumir a missão de animar, articular e acompanhar a Vida Religiosa Consagrada no Brasil, no seguimento a Jesus Cristo e no serviço profético-testemunhal de promover a comunhão na diversidade de dons e carismas e de incentivar a construção de novas relações intercongregacionais, eclesiais e sociais. A CRB é identificada por sua espiritualidade evangélica, pelo testemunho da partilha, pela opção preferencial aos empobrecidos e excluídos, pela profecia e anúncio missionário e pela acolhida das exigências dos novos tempos. Ela é percebida como articuladora e dinamizadora dos compromissos com a evangelização em lugares de fronteira, promotora de diálogo, de colaboração intercongregacional e motivadora de outras atividades missionárias, em parceria. Como entidade cidadã é reconhecida pelo

compromisso com a causa da justiça, da paz, da reconciliação e por sua articulação com outras organizações da sociedade.

A Assembléia aconteceu num clima de simplicidade, de co-responsabilidade, de partilha das experiências e constatações positivas e animadoras:

- Os horizontes inspiradores da XX AGO foram e continuam sendo geradores de vida para nós. As prioridades e realces têm nomes concretos de irmãos e irmãs que estão entre nós ou que já viveram a páscoa.
- A VRC está presente de forma significativa em espaços aonde não chega a Igreja oficial. Ela está presente unindo forças com outras igrejas e entidades não religiosas. Constatamos que estamos aprendendo a não fazer sozinhas/os o que podemos fazer com outras/os.
- Ouvidos abertos: capacidade de escutar os clamores e de externar os gritos. Os gritos das Regionais são os gritos do povo: na questão urbana, indígena, negros, ribeirinhos, sem terra, ainda que às vezes fiquemos no aspecto formal e não damos passos mais significativos.
- Valorização do trabalho de formação e das experiências de comunidades intercongregacionais, sobretudo na Amazônia.
- Compromisso com a justiça, a paz e a integridade da criação. Espiritualidade cósmica e ecológica.
- Mantém-se vivo o sentido da utopia. Sonhar juntas/os: profetas e profetisas lutando pela vida, num tempo de dor e morte.

A Assembléia aconteceu num clima de simplicidade, de co-responsabilidade, de partilha das experiências e constatações positivas e animadoras.

Destaques do triênio – 2004-2007 apontados pelas Regiões:

Região Norte
(Regional Belém, Manaus e Porto Velho)

O Plano Global de Ação, a sensibilidade e o carinho da CRB com a Região. A realização da Escola de Formadores e o Comitê Doroty.

Região Nordeste
(Regional Salvador, Recife, Teresina, Fortaleza e São Luís)

O Plano Global de Ação; Projeto Novas Gerações e VR e o Programa da VR-Inserção em meios populares e novos espaços de presença solidária.

Região Centro-Oeste
(Regional Goiânia, Campo Grande, Cuiabá e Palmas)

Plano Global de Ação; trabalho em equipe; diálogo entre a CRB e a CNBB; recuperação da credibilidade da CRB. *Dar continuidade*: na qualificação administrativa; os projetos da VR Inserida e as Equipes de Reflexão: ERT-ERB-ERP.

Região Sudeste
(Regional Belo Horizonte, Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo)

Plano de Evangelização para a Amazônia; Projeto Novas Gerações e VR. Dar con-

tinuidade aos Projetos, avançando. *Continuar* aprofundando os mesmos horizontes e prioridades. Eliminar os realces; aprofundar as novas formas de VR e a contribuição da VRC na formação da consciência cidadã.

Região Sul
(Regional Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre)

Curso e projetos missionários; a organização financeira-contábil; o Projeto Novas Gerações e VR; a presença solidária na marcha pela reforma agrária; a participação na 4ª Semana Social; Equipe Bíblica. *Dar continuidade*: ao PROFOLIDER, Simpósio bíblico. *Sugestões:* A missão da CRB é animar os projetos Timor Leste e o Plano de Evangelização Solidária na Amazônia. Continuar desafiando as congregações para assumir estes Projetos.

A Assembléia foi avaliada pelas/os participantes como uma oportunidade para olhar por dentro a CRB e foi iluminadora do processo formativo para as novas Assessoras e Presidentes.

Repensar globalmente o CERNE e a terceira idade. Assumir os compromissos das Semanas Sociais. Sugeriu um Projeto novo: A ecologia como ética do cuidado.

A Assembléia foi avaliada pelas/os participantes como uma oportunidade para olhar por dentro a CRB e foi iluminadora do processo formativo para as novas Assessoras e Presidentes. Revelou o dinamismo e o rosto ampliado da VR. Constatou-se o avanço na parte Institucional. Revelou-se uma CRB a caminho.

O Religioso/a e a pós-modernidade

J. B. Libanio

Os processos humanos são lentos e não acontecem simultaneamente com todo o mundo. Vão como ondas do mar, ora atingem uma praia, ora outra; ora inundam regiões, ora apenas molham a margem.

Na vida consagrada atual, o processo de tomada de consciência por parte dos religiosos da própria liberdade, da capacidade crítica e de autonomia já vem, de maneira acentuada, desde o Concílio Vaticano II. Ajuda recordar momentos anteriores para entender melhor o impacto da pós-modernidade em seu caráter paradoxal.

Tudo começou com mal-estar generalizado de que a vida consagrada infantilizava, fazia as pessoas recuar na história. Jovens, que já tinham certa autonomia quando viviam fora, ao entrar no noviciado, se submetiam a exercícios de "obediência" que beiravam o ridículo. Enquanto predominava a geração jovem, vinda de seminários menores, de escolas apostólicas e postulantados que já condicionavam os candidatos, funcionava bem o sistema.

Novos ares sopraram na Igreja. Fecharam-se lentamente os seminários menores, e jovens mais maduros batiam à porta dos noviciados. E os religiosos, já ingressados, liam, ouviam, estudavam posições críticas que circulavam por todas as partes, lançadas por teólogos de peso, por formadores avançados, e entraram então na roda viva de crescente criticidade.

Surgimento do clima de crise

Há maneira e maneira de entrar no clima da crítica. Alguns percebem intuitiva e quase instintivamente determinada situação, como inaceitável. Reagem à base da emoção e rejeitam sem mais o que lhes é proposto. Não acederam ainda ao nível da real descoberta de si mesmo como sujeito. Acende-se a luz do alarme. Mas não se dão conta do que verdadeiramente está a acontecer. Aproximam-se, em termos psicológicos, a reações de adolescente. Não conseguem dar-se razões do mal-estar, mas o sentem, detectam e não o suportam.

Esse primeiro passo faz-se importante para muitos. Sem ele, não saem da condição de submissos, acomodados, dependentes. Em termos culturais, tal fato significa que já não consideram a fonte de verdade, de bem, de valores se impondo de fora.

O traço fundamental da pré-modernidade consistia na aceitação da tradição por ela mesma. Não se necessitava

de mostrar a razoabilidade do que se transmitia, mas simplesmente se afirmava a tradição. No espaço religioso ela se impunha ainda de maneira mais pesada e firme, porque se apelava com facilidade à vontade de Deus e qualquer rejeição deslizava para a zona perigosa do pecado, do orgulho, da infidelidade. Tornava-se difícil de romper o círculo fechado da pré-modernidade religiosa.

Os primeiros momentos de ruptura, que se viveram nos anos ao redor da década de 60, vestiram-se de conflituosidade, sofrimento e desgastes. Sem eles, dificilmente a gestação da subjetividade no interior da vida consagrada não aconteceria.

Usando a metáfora da cor, a realidade não impõe a cor da autoridade, da tradição, mas ela é colorida pela subjetividade de quem a analisa, a vive, a experimenta.

Processo de tomada de consciência

Pouco a pouco, foi-se processando descoberta tranqüila do próprio valor da pessoa humana, como sujeito livre e consciente que interpreta o mundo. As reações instintivas e impetuosas são substituídas pela crescente tomada de consciência das razões e da experiência pessoal. Atingimos assim o ponto fulcral da consciência moderna.

Ela consiste precisamente na nova maneira de posicionar-se diante da tradição e tradições. Não as assume e aceita sem mais, mas as faz passar pelo crivo e filtro interpretativo da própria maneira pessoal de sentir, pensar, viver, reagir, valorar. Usando a metáfora da cor, a realidade não impõe a cor da autoridade, da tradição, mas ela é colorida pela subjetividade de quem a analisa, a vive, a experimenta.

Se consideramos o sujeito como um periscópio, a realidade que ele vê é a que o seu giro capta. Se vira para a direita, percebe panorama diferente daquele que o lado esquerdo oferece. Não é a geografia que se impõe inexoravelmente, mas depende da circulação da ocular.

A descoberta da modernidade mexeu radicalmente com o modo de os religiosos verem e considerarem a vida. Passou-se de uma consideração em que as formulações, regras, normas, verdades, valores possuíam caráter definitivo e absoluto para sua relativização.

O espectro do relativismo

Para muitos despontou o espectro do relativismo. E em torno dessa palavra mágica travaram-se debates. A questão tem gravidade. E precisa melhor explicação.

Facilmente se salta de um extremo a outro. Da pré-modernidade, em que a subjetividade praticamente se resumia em acolher com humildade as verdades e valores que os superiores, em nome de Deus, ensinavam para uma autonomia e independência de um sujeito que relativiza tudo e não aceita senão o que ele pensa e quer.

Como dentro da modernidade sair da posição tradicional sem cair em relativismo sem peias? Que relativização é aceitável e que outra ultrapassa os limites da própria racionalidade humana e muito mais ainda da revelação?

Tão grave se mostra tal problema que na homilia por ocasião da eleição do Papa,

momento de extrema gravidade e responsabilidade, o cardeal Ratzinger definiu o relativismo como "um deixar-se levar daqui e de lá por qualquer tipo de vento de doutrina" e "aparece como a única atitude à altura dos tempos modernos". Refere-se com palavras pesadas a "uma ditadura do relativismo que não reconhece nada como definitivo e que deixa como última medida somente o próprio eu e seu querer".

Certamente esse relativismo a que se refere o cardeal Ratzinger nas vésperas de ser eleito Papa não pode ser aceito por nós religiosos, na virada da pré-modernidade para a modernidade. Deve ser outro tipo de relativização que aceitamos.

Embora nunca possamos separar a formulação de uma verdade do seu próprio conteúdo, conseguimos, porém, perceber que determinada maneira de exprimi-la já não condiz, porque não responde ao universo de experiências atuais. Esse relativismo é sadio. Tem uma dimensão teológica e outra filosófica.

Avaliação teológica do relativismo

O relativismo, sob o aspecto positivo, teologicamente significa reconhecer que não somos Deus e que não conseguimos aqui na terra fixar em palavras definitivas o mistério do próprio Deus. Toda palavra sobre Deus, já nos ensinava Santo Tomás de Aquino, diz menos do que ele é, é mais pobre que rica, mais equivocada que correta, mais silêncio que revelação, mais ignorância que saber. Há um relativismo, valorizado pela modernidade e assimilado por nós católicos especialmente depois do Concílio Vaticano II, que não só não ofende a fé cristã, mas até mesmo a favorece. Livra-nos de certa arrogância que tínhamos, de deter toda a verdade no conteúdo e na formulação. Daí a dificuldade de entrarmos em diálogo ecumênico.

Superando a mentalidade pré-moderna, aprendemos a aprender. Sabemos que outras denominações cristãs, tradições religiosas não cristãs e éticas seculares têm-nos a ensinar até mesmo na compreensão da própria revelação.

Assim quando o Cardeal Ratzinger, na homilia citada, acrescentara que temos "uma outra medida para a verdade, a saber, o Filho de Deus, o verdadeiro homem" e não o eu nem a experiência puramente subjetiva, ele afirmava um lado da verdade. Esse dado objetivo, isto é, Jesus Cristo, possui consistência e tem valor absoluto e definitivo. Mas, aí vem a novidade da descoberta da experiência moderna, o experimentamos de maneira nova.

O Novo Testamento afirma como verdade fundamental que Jesus é salvador. Algo absolutamente indiscutível, definitivo, absoluto.

Um exemplo concreto da teologia da América Latina serve para iluminar a reflexão. O Novo Testamento afirma como verdade fundamental que Jesus é salvador. Algo absolutamente indiscutível, definitivo, absoluto. O próprio nome de Jesus significa isso. São Pedro, referindo-se ao nome de Jesus, isto é, à pessoa, diz: "Em nenhum outro há salvação, pois nenhum outro nome foi dado sob o céu aos homens por quem possamos ser salvos" (At 4,12).

Um pensar pré-moderno, sem interferência explícita e consciente da descoberta da experiência, repetiria tal forma sem mais. A teologia da libertação, porém,

considerando a realidade da América Latina perguntou: que significa a ação salvadora de Jesus em nosso contexto? Que palavra traduziria melhor para os cristãos comprometidos na luta de transformação da realidade social de dominação e opressão a verdade absoluta de que Jesus é salvador? Eis que se forjou então o título de "Jesus Cristo libertador"[1]. A realidade salvação foi interpretada como libertação. Não se perdeu o fundamental e definitivo da fé em Jesus, mas deu-se-lhe colorido próprio de nosso contexto de dominação. Salvação soaria muito espiritualizado enquanto libertação oferece maior concretude e mordência nos fatos.

Ser capaz de processar a tal releitura da fé significa a virada da subjetividade moderna, a relevância do aspecto existencial e experiencial das pessoas em determinado contexto de tempo e espaço.

Outros aspectos do relativismo

Tal consideração teológica completa-se sob perspectiva filosófica, psicológica e social. A filosofia existencialista explicita que toda apreensão humana se faz a partir de uma "pré-compreensão". Dito de maneira bem simples, nunca nos aproximamos da realidade, de algum conhecimento, da verdade, de valores a não ser a partir das experiências, interrogações, conhecimentos que já temos. E tal pano de fundo faz ressaltar mais uma cor que outra, tal ocular faz-nos ver melhor um aspecto que outro, tal lugar de conhecimento possibilita que vejamos uma parte da realidade e não vejamos outra. Assim se estou diante de um auditório e tenho um quadro de arte atrás de mim, ver um ou outro vai depender da posição em que esteja. Da mesma maneira, conhecemos a realidade, as verdades dependentemente da posição humana, cultural, de gênero, de tempo, de geografia em que nos situamos.

A psicologia tem-nos ensinado à saciedade como a estrutura psíquica das pessoas influencia na apreensão dos conhecimentos. Um pessimista e um otimista sedentos encontram uma garrafa com água pela metade. O primeiro diz: ela está meio vazia; e o outro replica, não, está meio cheia. E a psicanálise vai mais fundo. Vasculha estruturas inconscientes que atuam na percepção da realidade por parte da pessoa.

A sociologia do conhecimento estuda, de modo especial, as influências do contexto econômico, político e cultural no processo de conhecer. Ninguém ignora que um camponês não vê a cidade da mesma maneira que um urbano. Tais considerações mostram como a descoberta da relativização nasce de um conjunto enorme de fatores que se desenvolveram na modernidade. Os pré-modernos não se detiveram suficientemente em tal gama de elementos relativizantes.

Os diferentes aspectos, no entanto, não anulam a objetividade da realidade, ainda que a interpretem diversamente. Há limites na interpretação. O puro subjetivismo é irreal. Vai um exemplo bem rude. Quando alguém diz que a realidade é aquilo que ele acha, digo-lhe simplesmente: "ache, por exemplo, que a janela do 15° andar de um edifício é uma porta. Saia para ver". Sairá uma vez só.... Porta sempre será porta e nunca janela. É o lado que não muda. No entanto, a apreciação sobre a porta varia. Alguém a acha bonita ou feia, bem situada ou não, etc. São os aspectos relativos.

[1] L. Boff, Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia critica para o nosso tempo, Petrópolis: Vozes, [8]1980.

Essa reflexão ajuda o leitor a captar o jogo que se introduziu no interior da compreensão da vida consagrada. Os três elementos estruturantes – experiência de Deus, vida comunitária, missão apostólica – permanecem imutáveis, absolutos. Sem eles, não há vida consagrada apostólica. Contudo, a compreensão da experiência de Deus aceita enorme variedade de expressão. Alguns tradicionais a identificam com o cumprimento rigoroso de atos religiosos prescritos. Sem isso, julgam-se infiéis ao Deus de sua consagração. Outros valorizam o lado pessoal, místico, interior. E aí as formas se multiplicam, desde silêncios até a buliçosa alegria carismática. Considerações semelhantes valem sobre a vida comunitária e sobre a vida apostólica.

Essa reflexão ajuda o leitor a captar o jogo que se introduziu no interior da compreensão da vida consagrada. Os três elementos estruturantes – experiência de Deus, vida comunitária, missão apostólica – permanecem imutáveis, absolutos.

No início da década de 80, antes da explosão pós-moderna, mas em plena ebulição moderna, mostrei como essas três dimensões da vida religiosa eram interpretadas diferentemente[2]. Lá indico inúmeros exemplos de uma compreensão pré-moderna, moderna subjetiva e moderna crítica da experiência de Deus, vida comunitária, missão.

Valorização da subjetividade na modernidade

A valorização do sujeito na modernidade manifestou-se de três formas. Num primeiro momento, ele se descobre como valor, como experiência, como fonte de interpretação da realidade. Não aceita as imposições como imposições, não se dobra diante da tradição por ser tradição, mas enquanto percebe aí possibilidades da própria realização. Não despreza a história, mas não se pauta por ela sem mais. Aprende dela o que lhe ensina para sua felicidade e plenificação humana.

Num segundo momento, entende que os outros são igualmente liberdade, consciência, experiência, fonte de significados. E estabelece relações interpessoais que terminam por enriquecer aos que nelas se envolvem. O intercâmbio de visões, de vivências, de história incorporada permite visão mais ampla do real.

Ainda no coração da modernidade, brotou o sujeito transformador da realidade. Sabe-se, ao mesmo tempo, produzido pelas relações sociais, agora tornadas criticamente conscientes, e produtor de novas relações. Os acentos deslocavam-se ora para análises das influências ideológicas sofridas, ora para as possibilidades de mudança da realidade. Em todos os casos, era um sujeito cônscio da situação social.

Resumamos, então, a descoberta irrenunciável da modernidade para a vida consagrada. Já não funciona automaticamente a afirmação de que a literalidade da regra, das normas, das prescrições se identifica sem mais com a vontade de

[2] As grandes rupturas sócio-culturais eclesiais: sua incidência sobre a vida religiosa. Petrópolis/Rio de Janeiro, Vozes/CRB, 1980.

Deus. A posição tradicional conheceu a objeção de consciência, em caso de pecado, se se cumprisse a ordem recebida. Agora se vai mais longe. Não se trata propriamente de pecado no ato de cumprir o mandado. Ele, de per si, já não se impõe significativamente à pessoa sem mais. Carece, sim, de passar pela releitura a partir do conjunto da existência do religioso. Esse momento não se faz, naturalmente, na solidão do eu, mas aceita ajuda de outros no discernimento. No entanto, em última análise, recebe o significado dentro do contexto existencial, social e cultural de quem o interpreta.

Para a vida interna das comunidades não se aceitam determinações extrínsecas. Elas decidem sobre o próprio *modus vivendi* e não toleram que o faça autoridade distante e alheia. À guisa de exemplo. Não se vê sentido que uma instância no estrangeiro decida sobre disposições concretas da vida da comunidade religiosa no respeito ao vestir, ao descanso, ao tipo de relacionamento entre os membros, como se fazia antes do Concílio. Como um casmurro geral prussiano vai entender e prescrever os momentos de recreio ou de silêncio de vivazes baianos?

No nível apostólico, a modernidade muniu os religiosos de posições críticas diante das obras que as congregações vinham conduzindo há séculos. Muitas passaram por profundas transformações por influência de análises ideológicas, próprias da subjetividade crítica moderna.

Tudo isso em vista da compreensão do tema central do artigo. E a pós-modernidade? Ela não se entende fora do quadro anterior. E aí dentro se situa a vida consagrada.

O momento cultural da pós-modernidade

Subjetividade incerta e mesclada

A subjetividade na pós-modernidade apresenta-se como continente a ser explorado. Participa da incerteza e do caráter eclético do momento atual. Fala-se de um "pós" que não corresponde à regra semântica. Não se trata de uma subjetividade que vem substituir a da modernidade, como se esta tivesse sido abolida e surgisse uma nova totalmente diferente. Coexistem na subjetividade pós-moderna simultaneamente elementos tradicionais, resistentes pela inércia e restaurados por saudosistas, em choque ou convivência pacífica com outros da modernidade e surgem-se novos traços.

Daí traço eclético e tolerante de tal situação. Assemelha-se à maneira como se procede nos shoppings. Aí se misturam utensílios desde os de antiquariatos arrebanhados de não se sabe onde nem de quando com as últimas novidades eletrônicas passando pelos produtos tipicamente modernos produzidos no clássico estilo taylorista. Somos um shopping vivo com elementos díspares de idades diversas.

Como tradicionais, valorizamos muito a identidade da própria congregação. Cultivamos o carisma próprio, incontaminado. Referimo-nos com freqüência à memória dos fundadores. Mas, bafejados pela modernidade, golpeiam-nos a consciência tanto o crescente nivelamento canônico, organizativo, comandado pelas instâncias romanas, quanto a tendência de avaliar as originalidades da congregação a partir das obras. Vemo-nos freqüentemente influenciados pelo impacto da razão instrumental que nos move com o princípio da eficiência, da competência e das vantagens aferidas pela subtração dos ganhos por custos menores.

A subjetividade pós-moderna acentua, já não a identidade com o carisma congregacional, nem a igualização moderna numa vida religiosa estandardizada, mas a singularidade, a singular originalidade. Os/as religiosos/as escolhem, a bel prazer, os elementos, quer de dentro da própria tradição, quer de outras. Processa-se mistura única, original de ingredientes diversos na própria interioridade religiosa. Não raro se vêem traços da Renovação Carismática Católica ou mesmo de tradições orientais não cristãs permear-lhes a conduta, independentemente da tradição espiritual da congregação. Tudo feito com a maior naturalidade, regido pelo princípio da afinidade subjetiva.

A subjetividade pós-moderna acentua, já não a identidade com o carisma congregacional, nem a igualização moderna numa vida religiosa estandardizada, mas a singularidade, a singular originalidade.

Subjetividade autônoma

A autonomia considera-se entre as maiores conquistas da modernidade. A subjetividade pós-moderna acentua-a ainda mais. Não suporta qualquer imposição que lhe restrinja a liberdade de escolha. A própria congregação só tem chance de formar espiritual, comunitária e apostolicamente os membros, se e à medida que ela lhes oferece o que eles apetecem. As pessoas se deixam antes seduzir do que convencer-se. Não são movidas tanto por argumentos racionais, tradicionais, mas antes por realidades carregadas de magnetismo afetivo, sensível, visual, estético. Está em jogo uma autonomia que não se rege principalmente pela racionalidade, mas pela sensibilidade. Não funcionam as lógicas clássicas e sim a confusa e impressionista regra do coração.

Numa perspectiva de formação, a vida consagrada enfrenta enormes dificuldades com a nova geração. Não se veste o carisma da congregação pela força da tradição ou da instituição e sim por magnetismo que seduz a afetividade dos membros. Daí a crescente importância da psicologia na formação, o cuidado e o acompanhamento pessoais. A prática de exortações comuns, de instruções coletivas, de reuniões obrigatórias perde eficácia enquanto encontro em pequenos grupos, a presença amiga do formador, a sedução do carisma avultam em importância.

Subjetividade partida, fragmentária

Na primeira metade do século XX, S. Freud lançou os fundamentos da psicanálise que trabalha precisamente as camadas da psique humana, indo às profundidades do inconsciente. O eu, que na modernidade se julgava soberano e senhor de si e de tudo, quebra-se em partes: ego, superego, id. E, de repente, as pessoas que se pensavam inteiras, agindo na liberdade e consciência, e, portanto, responsáveis pelos atos, se surpreendem quando lhes dizem que determinado ato não lhes pode ser imputado. E por quê? Porque forças profundas, inconscientes a moveram a agir para além da liberdade e consciência reflexa. E a responsabilidade desaparece.

A subjetividade pós-moderna frisa ainda mais essa fragmentação. Encontra explicações de outra natureza além da liberdade para justificar atos que objetivamente cairiam sob a gravidade moral. Tal

fragmentação tem atingido especialmente o campo da moral sexual em radical reação à moral tradicional que culpabilizava todo ato que tisnasse a pureza de conduta.

Alguns dos novos movimentos eclesiais estão tentando recuperar a inteireza do ato humano, desconhecendo os aportes da psicologia moderna. A subjetividade de certos religiosos/as vive no momento a dualidade. Ora envereda-se pela desculpabilização em nome de pulsões inconscientes, ora sente atormentada por ensinamentos opostos, reafirmando a concepção moral pré-moderna, alheia à experiência cindida.

Subjetividade do prazer

O grito de F. Nietzsche de que o Cristianismo envenenara o prazer atingiu os confins da pós-modernidade. A subjetividade na vida consagrada tinha sido marcada pela renúncia, desprendimento até as raias da austeridade e de penitências voluntárias. A geração antiga conheceu as biografias de santos que se flagelavam até sangrar. A figura do extremamente austero P. Doyle pairava no horizonte de noviços desejosos de fazer penitência. Não era raro que o mestre de noviços devesse coibir as austeridades dos noviços.

A subjetividade pós-moderna reagiu radicalmente contra essa tendência ascética. Renúncia, austeridades foram sepultadas no mais fundo do esquecimento. J.-Cl. Guillebaud, ao analisar a sociedade atual, não hesita em falar de tirania do prazer[3]. E o prazer enrola-se no puro imediatismo. Não sofre atraso. Estende-se a sempre mais campos, empurrando para longe a linha do sacrifício.

As conseqüências para a Vida Consagrada não se fazem esperar. As missões penosas, o compromisso com os pobres em situações de penúria recrutam cada vez menos voluntários. Os superiores se vêem obrigados a fechar as fronteiras da ousadia sacrificada, cornetando retirada geral para os redutos de maior conforto e bem-estar. Exila-se a senhora dona pobreza para territórios irrecuperáveis.

As roupas, os alimentos, as bebidas, os móveis, as construções, os quartos e os escritórios perdem as marcas da simplicidade, da frugalidade, da austeridade que são catapultadas para alturas inatingíveis, sem retorno.

A onda de prazer, que se espraiara pelos países ricos já em décadas anteriores, atingiu-nos de cheio. Clima que não conhece classe, raça, religião, gênero. O valor maior da civilização rica ocidental se traduz na busca da felicidade individual em torno da satisfação das necessidades e desejos[4].

A busca de prazer afivela-se ao consumismo e à sexualização fácil. O primeiro invade a interioridade subjetiva, desatando os nós da sobriedade, da parcimônia, puxando a linha para a crescente abundância de bens. Repete-se mais uma vez o clássico axioma de que o ter enche um ser vazio. A subjetividade do prazer mostra-se pobre em ser e sôfrega de suprir-lhe o vácuo com a abundância de coisas. E entre as ofertas mais sedutoras da pós-modernidade estão as relações afetivas e sexuais sem compromisso. A própria semântica do verbo "ficar", usado no lugar de namorar, traduz o descompromisso e a fixação no momentâneo prazer do encontro sem amanhã.

[3] J.-Cl. Guillebaud, A tirania do prazer, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

[4] J. Stoetzel, Les valeurs du temps présent: une enquête. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.

A vida consagrada pede profunda conversão dessa subjetividade para o dom. A renúncia perde o ranço maniqueu para ser expressão de cuidado e interesse pelo outro. Se a subjetividade do prazer tiraniza, no entanto rompe de dentro dela a nova forma de viver em comunidade: o cuidado. A água pura do ecofeminismo tem irrigado o terreno seco do individualismo hedonista, fazendo brotar a delicada planta do cuidado. Por esse lado, a formação consegue atingir a subjetividade pós-moderna, sanando-a e revitalizando-a[5].

Subjetividade cansada

Admiramos pessoas idosas animadas, entregando-se, até as últimas energias, ao trabalho, à missão, ao serviço aos irmãos. Quem conheceu D. Luciano o viu até o apagar das luzes da vida em doação generosa e sem limites. Subjetividades fortes, corajosas, oblativas.

A pós-modernidade está a desgastar na nova geração o ardor da interioridade. Passam diante de nós adolescentes, mascando chicletes, com rosto apagado, aborrecido com o existir. Carregam dentro frustrações mal digeridas. As horas passadas, antes diante da TV, agora com os olhos pregados na telinha da Internet, não lhes abrem a mente para a beleza, para horizontes amplos, para relações sem limites. Atam-nos a si mesmos na morbidez afetiva e sensual, na perseguição sôfrega de *sites* provocativos. A afetividade fatiga-se, aborrece a si mesma.

Ao cansaço, agrega-se com facilidade a depressão. A doença da atualidade. Sutil, ela invade os rincões da afetividade. Contamina-os com a sensação de impotência, de desânimo em face do futuro. Refugia-se então no presente morno e cinzento, sem graça e surpresas a não ser as sensações de prazer insaciavelmente buscadas.

O desânimo invasivo encontra outra fonte no fracasso da militância. A década de 60 e 70 viu brotar na vida consagrada geração de religiosos e especialmente de religiosas que se entusiasmaram pela luta libertadora. Eram os anos dourados da teologia da libertação, da explosão das comunidades eclesiais de base, da vida inserida em meios populares. A profecia corajosa, que atravessou a Igreja sacudindo desde bispos do peso de D. Helder, D. Pedro, D. Fragoso e de vários outros até jovens idealistas apenas despertados para o mundo, prometia rejuvenescer a pastoral da Igreja, a vida consagrada.

Vieram décadas de fracasso político e eclesial dos setores engajados no processo de libertação. O sandinismo enroscou-se nas próprias fragilidades. O fulgor revolucionário, simbolizado por Fidel e Che, se apagou com o enrijecimento do primeiro e morte do segundo. O militarismo sufocou, em sangue, juventude rebelde. Allende no Chile sucumbiu sob os escombros da ferocidade militar. Derrotas e mais derrotas dos movimentos populares, libertadores. E na Igreja, infelizmente, fenômeno semelhante se deu. Naturalmente sem a virulência militar. Cebs, inserção dos religiosos/as, teologia da libertação sofreram forte detrimento por intervenções das cúpulas eclesiásticas – romanas e diocesanas – e de congregações religiosas. Quebrava-se uma subjetividade corajosa e ardente, abrindo espaço para medrarem as subjetividades pós-modernas, cansadas e desanimadas.

Afetividades semelhantes aproximam-se também da vida consagrada. Como

[5] L. Boff, Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

trabalhá-las, já que a experiência fundante de Deus, a vida comunitária e a missão exigem energia interior, coragem e entusiasmo? Cabe espanar a imagem de Deus, presente na profundência do coração, embora encoberta pela densa camada de poeira do cotidiano banal. Sem utopia, sem lances de esperança não se assume a vida consagrada. Ela carrega exigências que subjetividades vazias e fracas apenas conseguem captar e muito menos viver.

Sem utopia, sem lances de esperança não se assume a vida consagrada. Ela carrega exigências que subjetividades vazias e fracas apenas conseguem captar e muito menos viver.

Subjetividade midiática e de relações virtuais

Aqui se situa o mais novo. O "eu" real forja-se a partir das relações pessoais, humanas, face-a-face, enfrentando o outro na presença corpórea. Desafio exigente, porque o jogo de reações da outra pessoa repercute imediatamente sobre nós. A visualidade física dificulta esconder-se. Dessa maneira formaram-se as subjetividades até hoje. E ainda o são nos primeiros anos de vida no contacto com os pais e irmãos.

À medida que a criança cresce e imerge no universo midiático, enceta processo de reformulação do processo de desenvolvimento da afetividade. Circula em mundo virtual em que as realidades surgem e desaparecem a simples toque da tecla. Lentamente se introjeta a sensação de que o eu próprio e o dos outros se instituem a cada momento segundo o próprio arbítrio. Tudo depende da configuração que se queira dar, já que nenhuma realidade concreta a controla, verifica.

Um rapaz feio, desajeitado, tímido diante do computador na virtualidade da relação transforma-se no galã de cinema. Marcado por nome mal escolhido pelos pais, inventa um alias, outro nome, bonito e redondo, e insere bela fotografia, transformando a própria identificação a seu gosto. Longe da realidade. E assim se joga no rinque das conquistas afetivas até as mais realistas provocações sexuais. Tudo virtual. Nada verdadeiro.

Afetividade formada nesse universo reage diante da vida de modo muito diferente. Imaginemo-la no noviciado. Que passa? Como trazê-la para o real? A Internet faz parte da cesta básica existencial. E o silêncio interior? E o gozo da contemplação numa fantasia povoada de imagens carregadas de estímulos sexuais desde os primeiros anos? Haja trabalho interior!

Sujetividade religiosa

A praia religiosa recebe as águas da montante de espiritualidade. Não daquela que pertence às sólidas tradições beneditina, carmelitana, fransciscana, dominicana, jesuítica e outras similares. Mas uma que vem esmiolada, sem força nem vigor, repleta, sim, de sentimentos, emoções cálidas, agitos gesticulantes, a invadir o vazio interior das pessoas na inútil satisfação.

Na análise de D. Hervieu-Léger, retomada por B. Carranza, mostra-se difusa e performativa[6]. Difusa por impregnar toda a atmosfera circundante com o aroma da religiosidade. Performativa na espera que

produza efeitos de consolo, de milagres, de curas.

Daí surgem muitas vocações. Subjetividades afeitas a celebrações bonitas, estéticas, nutridas de cânticos carismáticos. Tudo visível, sensível, odoroso, palpável. Que dificuldade para a noite espiritual que se abate sobre todos na caminhada da perfeição! Que impossibilidade de suportar o silêncio de Deus em determinadas horas! Resta longo caminho a trilhar desse ponto de partida para a entrada na substanciosa espiritualidade da vida consagrada.

Subjetividade dos novos compromissos

Nem tudo é presentismo, hedonismo, virtual, midiático, consumismo. Precisamente em reação ao tsunami pós-moderno do in-compromisso, da in-responsabilidade, da in-preocupação pelo outro, emergem, com vigor, novos movimentos sociais, culturais mundiais. São todo o contrário. Compromisso, responsabilidade social, preocupação pelo outro humano e pela sustentabilidade do sistema ecológico.

Florescem tais movimentos que atraem jovens idealistas. Muitos abandonam as próprias comodidades para prestarem serviços em países do Terceiro Mundo com imensa generosidade. Haja vista os médicos sem fronteiras. Subjetividades que guardaram o idealismo da década de 60, reconverteram-no, não numa rejeição sistemática e global do sistema, mas em esforço de serviços qualificados em regiões carentes.

A vida consagrada, quando ainda esposa ideais solidários e missionários, atrai tais subjetividades. É o melhor que temos. De tal juventude espera-se renovação da vida consagrada, desgastada em muitos pontos pela acomodação ao pior do sistema capitalista: consumismo, hedonismo, individualismo exacerbado.

Conclusão

Aqui expus breve mapa das subjetividades. Outros países ficaram de fora por falta de espaço geográfico no tamanho do artigo. Em todo caso, o/a leitor/a tem chance de completá-lo, argutando o olhar para a realidade. Bom estudo geográfico das subjetividades!

J. B. Libanio – Teólogo. Professor de Teologia no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus de Belo-Horizonte. Assessoria teológica em nível nacional e internacional. Várias obras publicadas.

Endereço do autor:
Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127
Planalto
31720-300 Belo Horizonte – MG

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1 – Como entendi a subjetividade na pós-modernidade?
2 – Que elementos da subjetividade pós-moderna percebi em mim e nos/as companheiros/as de comunidade?
3 – Que práticas concretas julgo necessárias na vida pessoal e comunitária que ajudem a tomar posição crítica construtiva em face da subjetividade pós-moderna?

Urgência de uma estratégia ética face ao sistema da mídia

FREI CARLOS JOSAPHAT, OP

Nada de mais urgente para nossa missão evangelizadora do que chegar a uma compreensão segura e completa da linguagem e do sistema da comunicação. É o primeiro passo viabilizando um verdadeiro modelo de estratégia ética diante da mídia. Pois, quem ignora que ela é a grande escola cada vez mais influente, envolvendo, orientando ou desorientando o mundo em ritmo acelerado de globalização?[1]

Criado e criador pela Palavra.

A comunicação não é algo acidental ou acessório para a realização da pessoa e da sociedade. Ela é o dinamismo primordial da existência humana em sua dimensão racional, espiritual e relacional, abrindo-lhe caminho para a convivência fraterna e a comunhão com Deus.

Esse dado tão relevante da antropologia teológica vem sendo hoje confirmado e esclarecido pela ciência e pela cultura: Elas mostram e analisam o ser humano, desde sua origem, qual código entrelaçado de realidades e de símbolos, que se decifra na medida em que se realiza, e se realiza quando chega a se decifrar. À luz de uma reflexão teológica mais apurada, o ser humano resplandece como criado e criador pela Palavra. Ele é criado pela Palavra, em vista de se tornar também palavra criadora, com toda a grandeza, mas também com todos os riscos e perigos da liberdade. Ele pode se fazer existir, desabrochar e exultar, no amor do bem e do outro, ou se deixar sepultar tristemente no nada da indiferença ou do ódio, resvalando na destruição de si e do outro.

Pelo dom da verdade, a Palavra, o Logos faz da humanidade uma capacidade de discernimento, um elã de vir a ser dando rumo à vida, constituindo-se protagonista da sua história e da história do mundo. Reconhecendo o sentido e transmitindo o sentido, a humanidade estende redes, imensas e sempre mais amplas, e mesmo infinitamente elevadas de comunicação. Pois, bem acima das miudezas do egocentrismo e dos rasteiros interesses econômicos, elas podem e devem ser tecidas das mais finas qualidades humanas, dos valores da gratuidade e da solidariedade.

A esse nível de profundidade, dá para ver aquela correspondência radical entre a vocação do ser humano, criado criador pela Palavra, e o desenvolvimento histórico da comunicação social. Esta se vai equipando cada vez mais tecnicamente para encompridar e conectar sistemas universalmente abertos de informação, de contatos e intercâmbios entre pessoas, grupos, povos, nações e continentes. Ela assume o feitio de uma correlação, na acepção matizada que Paul Tillich atribui a esse termo. Como em todo curso de um desenvolvimento autêntico da vida e da história, assim na comunicação que unem

[1] Antecipamos aqui algumas sugestões de nosso livro: *Ética e mídia. Liberdade, responsabilidade e sistema*, que está sendo lançado pelas Paulinas.

técnica e sentido humano, se manifesta a conjunção ou a sinergia da teonomia e da autonomia. Pois, todos e cada um dos seres humanos surgem quais programas em si bem codificados, mas cuja dinâmica vem dotada de certa autonomia, estando, ao mesmo tempo, em sintonia com o outro. A identidade se afirma na autonomia, e a comunhão se tece pela sintonia com o outro. Assim o projeto de personalização e socialização se mantém sempre em crescente processo de mútua influência positiva ou negativa.

Sem dúvida, correlação não significa identificação. O reconhecimento da Lei divina no coração humano, da presença do "Espírito que age na história"[2], põe sem dúvida em relevo a transcendência da atividade temporal, pessoal e social do ser humano. Mas, ao mesmo tempo, essa convicção de fé valoriza a imanência, a identidade e a intimidade de cada pessoa, a qualidade e a contribuição insubstituíveis de cada consciência, de cada etnia, de cada povo e de toda parcela histórica e cultural da humanidade.

Acolher a Palavra divina em sua verdade e energia transformadora reenvia à atenção, ao respeito e ao apreço da palavra humana em todas as suas formas de comunicação e de influência. Aprofundando, portanto, sua autocompreensão, a teologia evangélica em sua função moral, reguladora da vida, se vê como teonomia tecida de autonomia. É Palavra divina, fonte de comunhão, em um processo de valorizar as palavras humanas, incitando-as a se articular em redes de diálogo, de intercâmbio, de solidariedade, de participação e até mesmo de serviço.

Acolher a Palavra divina em sua verdade e energia transformadora reenvia à atenção, ao respeito e ao apreço da palavra humana em todas as suas formas de comunicação e de influência.

Ser e crescer em conformidade responsável com a Verdade.

O ser humano existe, se compreende na sua identidade pessoal, não de uma coisa se acomodando em meio a coisas, mas como alguém se afirmando e definindo qual vocação e projeto a se realizar pela busca e acolhida da verdade, pela decisão corajosa de se construir na docilidade à razão e na alquimia transformadora do amor.

Na perspectiva do ser humano, código de relações e de comunicação, estruturando-se em sistema social, a verdade designa de maneira global e coerente a conformidade do conhecimento teórico e prático com a realidade e com os valores, que exprimem o sentido da vida. Assim entendida, nessa exigência de um programa integral, norteador da existência e da sociedade, a verdade se estende a todo o ser humano, às coisas, aos acontecimentos, à história, às relações e organizações sociais. Ela é laço luminoso de consenso presente em cada coletividade, e horizonte de sentido que se abre para o futuro da humanidade.

Mais ainda, iluminando o íntimo das consciências bem como o emaranhado dos

[2] Cf. Vaticano II, *Gaudium et Spes, 26, 4: 38,1.*

intercâmbios sociais, a verdade é a matriz em que se plasmam e estruturam as pessoas e as comunidades. Para o indivíduo e para a coletividade, viver, de maneira autêntica e digna, é buscar, reconhecer a verdade do ser humano, das coisas e das situações, e a ela se conformar em um empenho lúcido e responsável.

Mas este ser humano, projeto de autorealização pelo conhecimento da verdade e pela conformidade a ela, se apresenta em suas origens como um tesouro potencial. É um maravilhoso feixe de virtualidades, de promessas e também de riscos. Ele é perfectível e defectível. Vem animado pelo desejo racional de conhecer, porém intimamente ligado com o apetite espontâneo de curiosidade. Pode e deve ser educado, ficando tanta vez deseducado. Tem a capacidade de assumir de maneira crítica e criativa o seu projeto de vida. Mas é também muitíssimo influenciável, constante e profundamente vulnerável em seu gosto de comunicar, de informar e de se informar..

Tal é o projeto concreto de dignidade e de fragilidade que constitui a condição humana. Tem fome e medo da verdade, que se mostra sedutora e exigente, sendo a luz reveladora de sua nobreza e de suas vilezas. Pois, aí está à frente e dentro de cada indivíduo. É a feliz e inexorável vocação oferecida à humanidade, a ser acolhida qual matriz em que se plasma e realiza. Bem nesta perspectiva do ser humano que se constrói ou destrói acolhendo ou recusando a verdade, é que se situam a missão e o sistema da comunicação.

Sistema da mídia, uma função social.

O primeiro critério para apreciar a comunicação é a sua orientação de base, de respeito ou de profanação das inteligências, do nível de curiosidade que ela desperta e mantém.

A comunicação será autêntica se encaminha a opinião para os verdadeiros problemas humanos e para a atitude de responsabilidade diante deles. A comunicação se tornará essencialmente perversa e pervertedora quando se esbanja em cultivar a curiosidade banal, toda açodada em suscitar e alimentar desejos artificiais de prazer e consumo. Embora prestando eventuais serviços, dando notícias e estabelecendo contatos, esse tipo de mídia alienada e alienante se avilta no grande desserviço de afogar a atenção, de anestesiar consciências, apagando no público gosto de pensar e refletir.

O primeiro critério para apreciar a comunicação é a sua orientação de base, de respeito ou de profanação das inteligências, do nível de curiosidade que ela desperta e mantém.

É o que há de pior, jogando com o prazer e o imaginário, a mídia passa à sedução sorrateira, fazendo de tudo, da economia, da política e da religião, nada mais do que um simples espetáculo divertido.

Não há lugar para dúvida, em si a comunicação social emerge como o que há de mais necessário e precioso. Brota como resposta a uma função social que se universaliza e se torna viável na civilização industrial. Vem ao encontro do apetite saudável de informação e à necessidade vital de comunicação, que se manifestam, em toda a sociedade, com maior força ainda, desde a aurora do mundo moderno.

Verifica-se então um sincronismo que traduz o dinamismo de uma mesma evolução histórica global. De um lado surgem outros sistemas. Afirma-se e prospera o sistema da economia mercantil e bancária, que irá evoluir em economia industrial e capitalista; desenvolve-se o sistema da política dos Estados concentracionários e colonizadores, o qual se ampliará implicando formas mais sutis de colonialismo cultural; um tanto tardio, impõe-se o sistema da instrução pública, que se tornará cada vez mais generalizada. Em relação de dependência ou de interdependência com esses sistemas, emerge e se expande o sistema de comunicação social, a mídia.

Por um lado, ela será o cérebro de todos os mais sistemas. Mas igualmente será por eles sustentada e lhes será submissa em uma subordinação, tanto mais profunda quanto mais se mantiver oculta e camuflada. Uma ditadura de esquerda ou de direita, do poder político ou econômico, apoderando-se da mídia de maneira completa, nela encontrará personagens, máscaras e cenários para se exibir como o regime salutar, benfazejo e necessário. Seus muros, suas muralhas e bastilhas só cairão depois que se conseguir trincar e quebrar a hegemonia da mídia escravizante.

No entanto, não se olvide ou atenue o essencial: a comunicação vem responder a uma função social, em si nobre e imprescindível. Joga com o conhecer e o comunicar. Enfeixa todas as formas de saber, unificadas pelo laço interior que é o apetite de novidades, a curiosidade, tanto mais intensa e exigente quanto mais trabalhada pela própria mídia. Mas para esta curiosidade bem curtida, convergem todas as outras formas da vida intelectual: o empenho de se valorizar pelo conhecer, a procura da informação, da cultura sob todas suas modalidades e muito especialmente da diversão colocada ao alcance de todos.

No centro do dinamismo e do sistema de comunicação se encontra, portanto, a notícia, a novidade, de par com o divertimento. Ela marcha e cresce buscando e semeando o prazer do saber e do lazer.

No centro do dinamismo e do sistema de comunicação se encontra, portanto, a notícia, a novidade, de par com o divertimento. Ela marcha e cresce buscando e semeando o prazer do saber e do lazer. Com os progressos da técnica, o ritmo se irá acelerando, até se chegar à civilização da imagem e do erotismo, que caracteriza a mídia moderna, em seus cardápios mais quentes e típicos.

Para a reflexão ética, parece da maior importância discernir, na origem e na marcha da mídia, estes elementos distintos, mas profundamente conexos:

- Ela se constitui como uma função primordial da sociedade moderna.
- Ela tem seu dinamismo, suas leis imanentes de vitalidade, de organização, de funcionamento; ela é, portanto, um sistema dotado de uma autonomia que anima e regula seu próprio fortalecimento, seu crescimento e sua expansão.
- Mas ela depende dos outros sistemas sociais e culturais. E eles dela dependem. Ela será tanto mais forte

quanto mais chegar a conciliar seu dinamismo próprio de sistema "psicológico", de saber e de prazer, com o dinamismo dos outros sistemas, culturais, educacionais, políticos e, sobretudo econômicos.

Essa noção geral de sistema está na base de toda compreensão autêntica da comunicação social. Sem dúvida, a comunicação social depende da técnica e dos meios técnicos de difusão. Mas precisamente, porque eles entram como instrumentos da estruturação, do funcionamento e da ação de um sistema, que reúne agentes bem organizados e orientados em vista dos objetivos da informação e do divertimento do público.

É a visão sistêmica que nos dá a chave para entendermos a mídia, bem como a política e a economia[3]. Na medida em que a aprofundarmos, compreenderemos a história e a realidade atual da mídia. E, até certo ponto, se poderá prever algo de seu porvir. Ou melhor, se alcançará indicar as condições de seu sucesso, dos seus caminhos e, em conseqüência, a ter certa idéia da viabilidade, do êxito ou do fracasso de qualquer projeto de ética da comunicação social. O que é o ponto de interesse de nossa reflexão.[4]

Urgente e difícil compreensão de uma ética integral.

Elaborar e fundar uma ética integral da comunicação social, reconhecida e analisada como sistema específico, é da maior importância para a vida religiosa hoje. Em perspectiva mais ampla, é o objetivo central que se impõe a todo empenho, a toda reflexão pertinente e proveitosa, em vista de promover a qualidade humana da vida social, nacional e internacional.

Em um feitio um pouco didático, talvez seja útil destacar os elementos e os valores éticos da mídia, que é um tanto fugidia a esse tipo de compreensão. Por isso convém esboçar as linhas de uma definição.

A ética da mídia ou da comunicação social se caracteriza como o projeto de uma orientação livre e responsável do processo e do sistema de informação, bem como dos comunicadores e do público, visando o bem da própria informação e da sociedade, uma e outra encaradas sob o ângulo do bem comum, do respeito das pessoas, dos valores e direitos fundamentais.

---

[3] Convém talvez sintetizar em termos simples a noção de sistema, deveras fundamental para a ética social. O sistema surge e se define como conjunto organizado de agentes, pessoas e grupos de pessoas, dispondo de recursos, de instrumentos, de técnica e de competência para alcançar objetivos, bem determinados, respondendo a demandas ou funções vitais em uma sociedade. A mídia é o grande sistema sócio-econômico que responde às demandas e à função social de informação, de comunicação e de divertimento, tais quais se apresentam no sistema global que é a civilização moderna. Um sistema particular, a mídia, uma cadeia de TV dentro da mídia, têm certa autonomia, mas estão sujeitos a uma corrente de interdependências, ligando-os aos outros sistemas, mais forte e diretamente ao sistema econômico, mas igualmente ao sistema cultural, político, jurídico, e até certo ponto ao sistema familiar.

[4] Ainda hoje se aborda a natureza e o significado da mídia como se ela fosse uma rede de "meios de comunicação social" ou "de massa". Semelhante noção parcial marcou e marca grandemente certo ensino acadêmico e influencia as posições éticas e religiosas nesse domínio fundamental.

A ética da comunicação social se apresenta assim "qual projeto de orientação livre e responsável" dessa função social que é a informação. O que significa que essa ética compreende um conjunto de valores, de normas e modelos de comportamento, fundados no reconhecimento do primado da dignidade da pessoa humana e na aceitação da prioridade do bem social sobre todos os interesses particulares de indivíduos, grupos e sociedades.

Para além dessa definição ideal pela sua elevação, mas buscando ser concreta e histórica, a comunicação se manifesta na realidade como um campo de forças, e o mais das vezes de conflitos entre interesses e poderes, que disputam a orientação das pessoas e da sociedade. O projeto ético implica, antes de mais nada, a opção efetiva pela primazia dos valores e direitos fundamentais. Ela começa a existir e a influenciar a sociedade, quando emerge de uma convicção firme e generalizada, capaz de passar à frente de todos os interesses e chegando a animar e a guiar todo o processo e todo o sistema de comunicação. A ética da comunicação social só visará e promoverá eficazmente esse objetivo na medida em que alcança influir sobre os comportamentos pessoais, dos profissionais da comunicação e de todos que nela estão interessados e envolvidos. E ao mesmo tempo, ela só deixará de ser uma palavra vazia ou ideologia enganadora, se os valores éticos e os direitos fundamentais se tornam normas e se traduzem em modelos de orientação para o próprio sistema de comunicação. O que significa: os valores e direitos fundamentais se hão de tornar códigos de vida para cada uma das unidades da mídia e para o conjunto de sua rede local, regional, nacional e mundial.

Diante do sistema, necessidade da estratégia ética.

Assim se evidencia a necessidade de uma estratégia ética, suscetível de viabilizar o empenho de toda a sociedade e de pôr em ação toda a técnica, especialmente o sistema da comunicação, a serviço dos objetivos humanos. Nesse plano dos valores éticos, a estratégia há de mostrar a mesma operacionalidade que seus modelos militares ou econômicos têm logrado em proveito dos objetivos e interesses financeiros ou na mobilização e condução de ações militares.

Não bastam algumas campanhas isoladas e menos ainda improvisadas. Todas as pesquisas e meios técnicos devem ser conjugados em todos os países, a começar pelos países mais desenvolvidos. Pois, neles a corrupção e a violência têm implantadas suas verdadeiras origens, seus clientes privilegiados e sua "logística", para se espalhar pelo mundo em um anti-sistema sofisticado buscando corroer o sistema democrático.

Destacamos, portanto, as seguintes propriedades que são outras tantas etapas de realização da estratégia ética visando um sistema de comunicação humano, apoiado nos valores éticos de base:

Essa ética renovadora que tenderá a instaurar um nova mídia começa por uma opção decidida pela palavra, pela convicção e pelo consenso, buscados pelo diálogo. A ação sobre a comunicação se realiza de maneira comunicativa, sem qualquer apelo à intervenção de poder externo. Ela contará sem dúvida com o apoio de leis democráticas a partir dos postulados fundamentais, das prioridades indicadas para a mídia na própria Constituição: "prefe-

rência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas, promoção da cultura nacional e regional, respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família"[5].

Para além dos meios repressivos e preventivos necessários, porém negativos, é necessário dar a prioridade efetiva aos valores da verdade, da justiça, da liberdade e da solidariedade, reconhecidos em um consenso geral, propostos e postos em marcha realmente em palavras e ações.

É indispensável que se estabeleçam progressivamente instituições que assegurem a prática desses valores, bem como a sua difusão constante mediante a educação em todos os níveis. Só assim, os valores e os direitos humanos se poderão integrar na mentalidade e, sobretudo, na cultura de todo o povo. Impõe-se, portanto, uma ação conjunta das autoridades e de toda a sociedade, em um clima de confiança efetivo e crescente, consolidando o duplo processo cultural:

- da educação dos cidadãos, buscando acabar com todos os tipos de analfabetismo,
- e de sua participação ativa e responsável no sistema de comunicação.

O grande objetivo visado pela estratégia ética é um consenso sobre os valores e direitos fundamentais mediante uma ação conjugada sobre o processo educativo e sobre a própria mídia, utilizando sua linguagem, ocupando e alargando os espaços já disponíveis dentro do sistema da comunicação.

Ética em situação.

Para tender a esse objetivo global, a estratégia ética começa por atender à situação, nela vendo o feixe de circunstâncias e condições sociais que envolvem a ação, indicando-lhe os caminhos da autenticidade e da viabilidade.

No seio da crise que despertou a consciência ética da humanidade atual, no fragor da guerra e diante do horror dos holocaustos, a atenção de cientistas e a reflexão dos filósofos como que descobriram a necessidade, a urgência da responsabilidade face à situação. Viam atordoados malograr instituições, quadros políticos e jurídicos, bem como fracassar as normas éticas e os preceitos religiosos, vergando tudo ao peso da ambição e sob a tirania de ditadores sustentados por massas humanas endoidecidas.

O velho mundo do racionalismo e do moralismo esboroou. Bem se poderia dizer: lá se foi a modernidade, aí vem a pós-modernidade buscando seus caminhos.

O velho mundo do racionalismo e do moralismo esboroou. Bem se poderia dizer: lá se foi a modernidade, aí vem a pós-modernidade, buscando seus caminhos.

No entanto a reflexão ética se aprofundou, guardando o imperativo de agir em situação, mas abrindo-se aos valores da responsabilidade e da solidariedade que se revelam no encontro e no reconhecimento do rosto do outro, contemplado na rudeza da existência, e não descrito em exposições doutrinais. O outro da experiência ética faz com que o sujeito que o acolhe transcenda seu egocentrismo e se realize na atitude libertadora do dom gra-

[5] Cf. Constituição Brasileira, artigo 221.

tuito, aceitando-se como absolutamente responsável pela felicidade do outro.

É preciso dar um sentido positivo à situação, entendida e aceita qual espaço da realidade. Nela, os valores se tornam efetivos e se desdobram em normas e modelos de ação, pelos quais a pessoa se realiza e contribui para a construção da sociedade.

Há uma exigência ética absoluta de situar a ação e se situar na ação, de inscrever o agir na verdade da condição humana aqui e agora. A situação não é negação de valores. Nem é fonte de valores. Mas é o lugar, a interpelação concreta que faz passar da idéia de valor ao sentido vivido, à realidade presente e premente do valor, exigindo opção e ação.

A ética social, sobretudo em sua aplicação à realidade tão complexa e movediça que é a comunicação, só será autêntica na medida em que intimar a necessidade de ver, de analisar e reconhecer a situação. Esta se revelará como um feixe de possibilidades e de exigências, como quadro concreto em que os valores de verdade, de justiça, de solidariedade se tornam viáveis, aí encontrando seus caminhos e seus limites.

Portanto, o maior dos imperativos e a urgência urgentíssima, especialmente para os países e regiões vítimas da desigualdade e da exclusão, vêm a ser a inteligência e a coragem de atuar nessa situação, cujo conhecimento introduz na verdade primeira da ação. Esta irá impelir a elaborar um paradigma bem pensado e um modelo operacional de ética social, atento sem dúvida à atualidade, e nela inserido desde o início. Mas, sobretudo terá que ser capaz de guiar o empenho e a ação em toda a sua amplidão, em projetos e campanhas a breve, a médio e a longo prazo, sempre de olhos abertos sobre a situação que progride, que se estabiliza ou que regride e resiste a toda influência retificadora.

Para além da atenção crítica, aliás necessária, aos comportamentos cotidianos da mídia, às informações parciais, tendenciosas e inexatas sobre episódios e fenômenos, a ética autêntica e operacional se empenha em apreciar com cuidado a situação vigente, com seus dados positivos e negativos. É o primeiro passo para poder remontar dos efeitos às causas, indo à raiz dos comportamentos, das tendências, dos movimentos e dos sistemas sociais.

Atitude primordial: vigilância cívica e ética.

Bem sabemos, o preço da liberdade é a eterna vigilância. Convém completar: a liberdade, a justiça social, o desenvolvimento autônomo de nosso povo, a preservação do meio ambiente, o futuro da saúde, da educação e da comunicação estão acima de todo preço.

São valores humanos pelos quais não se interessam os "monstros frios"[6], que são as entidades transnacionais, especialmente os capitais especuladores. Esses supremos valores e os direitos fundamentais que os concretizam, graças aos progressos da informação e da comunicação, podem chegar até ao povo, acordando sua vigilância incansável, lúcida, capaz de dizer sim, e corajosa para gritar não.

[6] "Uma moral para os monstros frios. Por uma ética das relações internacionais" é o título da versão francesa do belo estudo de Stanley HOFFMANN, Ed. du Seuil, Paris, 1982. Então se podia confrontar essa denúncia com as posições de François PERROUX, sintetizadas em "Diálogo dos monopólios e das nações" (Original francês: Presses Universitaires de Grenoble, 1982).

Esse dever absoluto e intransferível de vigilância cívica e cristã se torna premente e urgente em momentos de interrogação sobre as orientações básicas do país, sobretudo no que toca à cultura, à comunicação e à informação. A democracia representativa não dispensa a intervenção direta do povo. Esta não se fará apenas pelo "plebiscito", pelo "referendo" e pela "iniciativa popular" que a Constituição instituiu[7], embora as aplicações até agora tenham sido acanhadas, seguindo o jogo das eleições a toque de publicidade e no ritmo de carnaval.

Por uma exigência primordial e fundadora da ética social, essa soberania do povo se há de fazer ativa, também e sempre pelas manifestações pacíficas dos cidadãos, dos grupos, das ongs, dos movimentos de influência e de pressão, exercidos na legalidade, na ordem e na transparência. Ao contrário, cumpre evitar e exorcizar as práticas insidiosas dos lobbies se esgueirando na penumbra ou no lusco-fusco, circulando pelos corredores dos Três Poderes, manobrando e agilizando decisões governamentais, em proveito dos interesses particulares. A mensagem primeira tem que ser levada a todos os movimentos e a todas as comunidades: o preço da liberdade, da justiça e do bem-estar de toda sociedade é a sua paciente e inquebrantável vigilância.

O surgimento das Ongs, a rapidez de seu crescimento, os entendimentos e as organizações, na base das convicções e das afinidades na luta pela justiça, anunciam um mundo de esperanças que se hão assegurar e acelerar pela realização de modelos alternativos em todos os campos e setores da mídia.

Atuar sobre o sistema de dentro do sistema.

Quando se trata das questões essenciais, sempre técnicas e complexas, o grande risco, esterilizador para a ética e para a ação moral, está em ficar na generalidade solene e inócua. O primeiro momento da verdade na ação é vê-la e analisá-la em situação. Mas essa verdade da situação só se revela plenamente quando a situação é inserida e considerada no sistema.

Esse dever absoluto e intransferível de vigilância cívica e cristã se torna premente e urgente em momentos de interrogação sobre as orientações básicas do país, sobretudo no que toca à cultura, à comunicação e à informação.

Pois, a ação no plano social só é eficaz se chega a se fundar na informação, no conhecimento da realidade, na competência, na avaliação da qualidade dos diferentes sistemas políticos, econômicos, jurídicos, sobretudo culturais e comunicacionais que formam o grande sistema da sociedade. Com os renovadores da ética no mundo tecnológico, como o Padre Lebret, é preciso pôr em relevo: a ética e a espiritualidade devem visar a eficácia, o êxito real e duradouro no plano da ação social. É preciso influenciar, orientar e modificar os diferentes sistemas atuando de dentro e por dentro deles.

[7] Cf. Constituição Brasileira, art. 1 e 14.

Tentar agir de fora do sistema é cansar-se em uma agitação sem proveito e sem sentido. Relembramos, sistema aqui não tem qualquer acepção pejorativa ou negativa. No prolongamento da teoria de L. Bertalanffy[8], convém insistir: o sistema aprofunda a idéia descritiva de "rede", de "sociedade em rede", de que o mundo virtual da mídia e, sobretudo da Internet é a expressão ampla e concreta. Todo ser vivo é um sistema. E só pode ser apreendido, orientado ou reorientado graças ao conhecimento exato de suas partes e da articulação vital delas na globalidade do organismo e no dinamismo de suas funções. Assim e mais ainda, quando se trata da sociedade e de todo corpo social. Temos aí um grande sistema formado de um feixe de sistemas.

Essas evidências são ainda uma vez evocadas para enunciar esse princípio que rege hoje a pertinência e a eficácia da ética social em nossa civilização tecnológica. Quando se trata de modificar os comportamentos, as mentalidades, as relações e organizações no campo da informação, da política, da economia, da cultura, da educação, nada se faz de maneira efetiva e duradoura, a não ser pela coragem e a inteligência de se tornar agentes organizados e de intervir nos centros de decisão dos sistemas.

Um dos agentes de todo sistema econômico é o consumidor. O consumidor passivo é também consumido gentilmente pelo sistema, como tudo o mais. O grande economista François Perroux[9] insistia: Toda família, toda sociedade de beneficência, toda casa religiosa vêm a ser, cada uma delas, uma unidade econômica. Mas em geral é uma "unidade passiva". Essas entidades sociais e religiosas devem fazer sentir e influir no sistema econômico os valores éticos e espirituais que as animam. Como? Tornando-se "unidades ativas", pesando e contando pelo menos como consumidores organizados, conscientes, firme e amavelmente exigentes.

Os consumidores e, muito especialmente, as consumidoras, são chamados a exercer uma influência eficaz e retificadora sobre o sistema econômico, e pela dimensão econômica atingir qualquer outro sistema social. Para além da defesa dos próprios interesses, como se faz entre nós pelo Procon, em países mais avançados em tecnologia e em consciência ética, os consumidores, sobretudo as consumidoras, se vêm organizando e impondo tranqüilamente um código de ética a todo o mercado. Pode-se e deve-se generalizar tal modelo de compreensão e ação a todos os agentes e a todos os sistemas sociais, especialmente de comunicação social.

Novos modelos de sociedade, de mídia e de ética.

Para bem situar o confronto da ética e da mídia hoje, parece oportuno tentar esboçar em algumas proposições simples uma espécie de modelo alternativo ao modelo neoliberal. São evocados princípios e verdades de base que fornecem o fundamento doutrinal e o ponto de partida para as posições práticas.

---

[8] Como no conjunto de nossa reflexão, utilizamos e aplicamos: Ludwig Von BERTALANFFY, *Teoria geral dos sistemas, Vozes, Petrópolis, 1972* (original inglês de 1968).

[9] Ver sua obra magistral, evocada na nota 1: *Dialogue des monopoles et des nations. "Equilibre" ou dynamique des unités actives?* PUG, Grenoble, França, 1982, especialmente p. 115s e p. 288s.

Em contraste com o modelo neoliberal, um modelo verdadeiramente humano, sobretudo de inspiração cristã, começa por insistir sobre a prioridade a dar à ética e sobre a necessidade de integrar e articular a esse imperativo ético todos os objetivos e valores sociais, políticos e particularmente econômicos. Trata-se, portanto de um modelo de ética social, fundado sobre princípio do reconhecimento e respeito da dignidade de todo ser humano e sobre a primazia do bem comum. O que significa ter como objetivo ético e político: a garantia e a promoção de todos os direitos para todos.

A primeira preocupação a animar as pessoas, a sociedade e a opinião pública, a ponto de se afirmar como primeiro ponto de um programa político, especialmente de política econômica e comunicacional, será proclamar e manter como prioridade das prioridades o social. Com a forte, constante e jeitosa contribuição da mídia, a atenção da sociedade há de estar voltada para a luta contra a fome, contra o desemprego, e para o empenho geral de garantir o direito à habitação, à saúde, ao trabalho, à educação e à comunicação.

Nada de equívocos que venham alimentar os discursos ideológicos das boas consciências.

Assim, tais programas sociais, no estilo de concessão de bolsas e recursos ocasionais, de medidas visando suprimir a discriminação no campo da educação e da mídia, ações emergenciais de socorro, de beneficência e de alfabetização, não devem ser entendidos em termos de esmolas ou de assistencialismo. Semelhantes campanhas hão de se integrar em projetos globais, despertar a opinião pública e levar a um programa prioritário de promoção social, de defesa e garantia efetiva dos direitos sociais. Nada de profundo e permanente se consegue sem uma ação conjugada de todos os sistemas, a economia, a política, a cultura, tendo à frente a comunicação.

Superar os analfabetismos informáticos.

Pois, há uma correlação estreita e profunda entre a democracia, a comunicação e a educação, quando a reflexão se coloca no verdadeiro plano da realidade e da ética. A sociedade moderna exige a educação para a mídia e pela mídia, esta sendo entendida especialmente nas suas pontas de maior penetração e eficácia: a TV e a Internet.

A educação, a formação, a integração do cidadão só se realizam pela sua iniciação na compreensão e no jogo prático da comunicação sob suas formas mais dinâmicas e envolventes. A educação de base já começa a abrir-se ao bonito trabalho da alfabetização digital. Mas o que predomina mesmo nos adultos é o analfabetismo ético e sistêmico. Muitos vão aprendendo a apertar os botões certos e a manipular teclados com alguma maestria. A educação qualificada, ética e sistêmica, começaria pela compreensão do que é deveras a mídia, do que é a Internet, dos seus recursos, de suas possibilidades de informação e comunicação, em vista de confrontar essa nova realidade virtual com os valores e direitos humanos fundamentais.

A verdade ética primordial explode hoje na urgência de estabelecer uma sociedade de gente que se entenda, que se aceite, que se alegre de viver e de viver juntos. A urbanização e tecnologia improvisadas ou comandadas pelo capitalismo concentracionário não podem continuar

a produzir essa imensa multidão, esses feixes de multidões curtindo a solidão e tentando compensar o vazio do ser solitário pelo apelo à cultura da diversão. E na escala mais alta, não pode perdurar a clausura dessa gente até elegante, acossada dentro do seu cárcere luxuoso, bem mal protegida por tantos fios e cães, na pós-moderna situação trágico-cômica do terrorismo, da guerrilha ou da guerra total.

Estratégia ética e mística do Amor universal.

Primeiro, é urgente mobilizar as consciências em sua dimensão pessoal e coletiva.

A ética social, sobretudo inspirada no Evangelho se torna hoje mais exigente e também mais estimulante do que a ética individual. No entanto, ela só será verdadeiramente social, na medida em que age e intervém nessa sociedade tecnológica e informatizada.

A ética social, sobretudo inspirada no Evangelho se torna hoje mais exigente e também mais estimulante do que a ética individual.

A justiça social não pode ser tribal nem andar por aí com os ares dos velhos tempos[10].

Ela pede com a maior das insistências que cidadãs e cidadãos analisem os diferentes sistemas que aí estão, aliás, dizem todos eles, a nosso serviço. E comecem pela pergunta muito simples: como é que estou, como é que estamos atuando dentro dos sistemas de comunicação, de educação, de política, de economia?

O futuro da humanidade está na aliança efetiva e duradoura da justiça, da liberdade e da solidariedade. Mas esses valores se hão de realizar dentro dos sistemas, cuja rede forma o imenso sistema globalizado, que tem por cérebro a mídia, sobretudo em sua forma mais insinuante a TV, e na mais, comunicativa e interativa que é a Internet.

Mais ainda. O imperativo do amor, mas também da própria sobrevivência, é conectar, em feixes de esperanças, novos modelos sociais e comunicacionais, que façam convergir todos os meios culturais e religiosos, na busca de uma nova estratégia ética, que dê a palavra ao povo na Igreja, na sociedade, nas várias redes da comunicação.

Não há tempo a perder. A hora é de somar energias e de fraternizar na procura e na antecipação jubilosa da solidariedade mundial.

Para os cristãos, para os homens e mulheres de fé, os novos modelos de diálogo e participação estão em correlação com o novo Pentecostes, indo ao encontro da nova era, da ciber-sociedade, que o mundo da tecnologia vai descobrindo e habitando.

Na Igreja e nas religiões em geral, se afirma a necessidade urgente, urgentíssima, de um novo paradigma teológico, atento às diversas modalidades da palavra hoje, assumindo-as todas segundo sua hierarquia de valor, empenhando-se a respeitar a originalidade de cada uma, de

[10] É essa caricatura de justiça social que foi ridicularizada por F. A. HAYEK (prêmio Nobel de economia em 1974), no 2º volume de sua trilogia: *Direito, legislação e liberdade,* o qual traz o subtítulo *"A miragem da justiça social"*. Original inglês de 1976.

articulá-las todas de maneira complementar e harmoniosa. O recurso à mídia e à tecnologia moderna não há de visar uma ação psicológica, mediante pressão ou sedução, mas sim facilitar os caminhos da informação objetiva, da convicção pessoal, da livre opção.

A massificação da religião, dela fazendo espetáculo alienante, está aí como doloroso atentado contra a própria fé religiosa e contra a dignidade do ser humano.

Há uma prioridade nas urgências. O que mais havemos de temer, de denunciar e de combater é a exclusão virtual ou digital, a persistência da velha desigualdade que marca esse novo universo da comunicação, como perverte todo o mundo econômico e tecnológico ainda mal globalizado.

Uma ética da mídia, especialmente dos meios mais densos e quentes de informação e de influência sobre o público, como a televisão e a Internet, terá que se empenhar em bem determinar e definir esses objetivos, escolher e conjugar recursos e meios para atingi-los. Um grande trabalho de esclarecimento pela educação, pela própria ação nos movimentos, nas comunidades e nas Ongs deverá despertar e manter constantemente a consciência constante e mesmo progressiva da urgência e da qualidade da ação ética crítica e renovadora.

A vida religiosa é o lugar privilegiado para se entender que a ética sistêmica e operacional da mídia resplandece como a grande exigência humana e evangélica. Mas a urgência se impõe. Cumpre compensar o atraso das consciências em detectar, perceber, analisar os problemas éticos dessa mídia que tudo mostra, mas se esconde astuciosamente.

Os religiosos e as religiosas hão de ser os pioneiros em acordar a aurora. Pois, bem vêem, aí está um mundo intencionalmente desmobilizado e grandemente acomodado à ideologia dominante. Afirma-se, por isso mesmo, com mais força a urgente necessidade da presença e da difusão de uma mística do amor universal. Ela há de ser a fonte da energia ética, despertando e mantendo a sede da verdade, o elã do agir eficaz, lúcido e desinteressado.

Carlos Josaphat O.P. Teólogo dominicano, professor emérito da Universidade de Friburgo – Suíça, escritor, autor de Moral, Amor & Humor – Igreja, sexo e sistema na roda viva da discussão, Editora Record – Nova Era, Rio de Janeiro, 1997; Fé, Esperança e Caridade, Encontrar Deus no centro da vida e da história, Paulinas, 1998. Atualmente leciona na Escola Dominicana de Teologia em São Paulo.

Endereço do autor:
CONVENTO SAGRADA FAMÍLIA
Rua João de Santa Maria, 142 – Jd. da Saúde
04158-070 São Paulo – SP

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1 – Existe na sua comunidade uma percepção clara da importância da mídia no momento atual da sociedade?
2 – A questão da ética na mídia é refletida e trabalhada entre vocês?
3 – Que desafios maiores essa questão coloca para a Vida Religiosa hoje?

Despertar[1]

ANTONIETA POETENTE, OP

Um ponto de vista

Bastaria um olhar, mais ou menos profundo, para se entender a metodologia utilizada no esboço do "Documento de Participação" em torno do qual se convoca e prepara a V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho. Certamente trata-se de uma metodologia diferente da que aprendemos a usar há anos, e que se tornou parte da nossa tradição: ver, julgar, agir. Nessa metodologia – como em um quadro retrospectivo – o presente sobressaía, como nunca, e tornava-se enfoque, ponto de partida, olhar profundo: análise e contemplação; crítica e pensamento; inspiração e responsabilidade ética sobre a história e sobre as nossas vidas. Nessa metodologia as leis clássicas do tempo eram quebradas, permitindo que o presente se entrelaçasse com o sonho e com a sabedoria que nos fez nascer, inspirando-nos para o futuro.

Essa metodologia era um gesto quase sagrado e ritual, a cada vez que nos aproximávamos e perscrutávamos a vida. Gesto pleno de ousadia que, por um longo tempo, inspirou o trabalho teológico e a práxis da Igreja.

Entretanto a metodologia que transparece do atual "Documento de Participação" parece seguir outras inspirações, outras leis prospectivas, e – pode ser – parece buscar outras finalidades. Não nos sentimos tão originais ao dizer que o documento se desenvolve segundo outros parâmetros, todos perceberam. A linguagem certamente é universal, os sujeitos da história também. Fala-se dos *anseios mais profundos da nossa existência... seres humanos... nova época... anseios de verdade e de felicidade...* (cf. Cap. I). O mesmo poderíamos dizer da *Boa Notícia*, do *Espírito Santo* e da *Nova Evangelização* (cf. Cap. II). É preciso esperar o Capítulo IV para se ouvir um eco mais familiar à nossa realidade latino-americana e caribenha, ainda que *os acontecimento* e *as situações muito dolorosas*, nomeadas no Documento reflitam cores bastante pálidas, e *as culturas* permaneçam anônimas.

Nasce, então, uma pergunta: E se pensássemos ao contrário? E se voltássemos a percorrer os caminhos mais cotidianos do nosso Continente e a reencontrar o nosso ponto de vista? Se escutássemos os testemunhos de grandes resistências cotidianas, com suas iniciativas de sobrevivência diárias, quem verdadeiramente inventa modos secretos de sobrevivência. E se lêssemos a história com suspeita para poder acolher o que a mulher pensa do mundo urbano ou campesino, mestiça ou indígena, sobre *o anseio mais profundo pelo infinito... pela verdade e pela felicidade...*, quando a sua pele e a sua inteligência refletem o mundo cotidiano da escassez e da precariedade, assim como o frágil equilíbrio da dignidade, da identidade e da justiça. Sabemos, pois, que um "ponto de vista" pode certamente mudar algo, também um documento, porque: *Para a*

[1] Traduzido da Revista "Testimonio" n. 216, julio-agosto 2006, pp. 87-98 Tradutora: Aurea Marin.

coruja, o morcego, o boêmio e o ladrão, o crepúsculo é a hora do desjejum. A chuva é uma maldição para o turista e uma boa notícia para o lavrador. Do ponto de vista do nativo, o pitoresco é o turista. Do ponto de vista dos índios e das ilhas do Mar do Caribe, Cristóvão Colombo, com seu chapéu de plumas e sua capa vermelha, era um papagaio de dimensões jamais vistas[2].

Lembro-me das palavras de uma publicação do ano 2000, promovida pelo Banco Mundial, sobre o desenvolvimento humano. Nesse documento havia um eixo transversal expresso por uma pergunta: *Há alguém que nos ouça?* Esta contribuição fazia com que esta pergunta interpelasse as diversas temáticas. Tratava-se de uma pergunta que tinha que inspirar uma análise, para se ir adiante. Assim foi escrito no prólogo do primeiro tomo: *Há alguém que nos ouça? Ecoa a voz de mais de 40.000 pessoas* pobres de 50 países... *A voz dos Pobres é diferente de todos os grandes estudos sobre a pobreza. Mediante o uso de métodos participativos e qualificativos de investigação, no estudo são apresentadas de maneira clara e muito direta, através da voz dos próprios pobres, as realidades das suas vidas. Que opinião os pobres têm da pobreza e do bem-estar? Quais são seus problemas e suas prioridades? Qual é a sua experiência com as instituições do Estado, do mercado e da sociedade civil? Qual é o estado das relações de gênero nas famílias e nas comunidades? O que os pobres partilham conosco é sério. A maioria considera que está em piores condições e tem mais insegurança do que antes. Os pobres têm as mesmas preocupações que todos temos: a felicidade, a família, os filhos, os meios de vida, a paz, a segurança, a proteção, a dignidade e o respeito. A descrição que os pobres fazem dos seus encontros com uma gama de instituições exige que retracemos as nossas estratégias*[3].

Certamente, sabemos muito bem que a comunidade de fé não tem os mesmos interesses e não utiliza os mesmos critérios de análise do Banco Mundial. Contudo nos parece interessante poder desafiar a comunidade cristã latino-americana e caribenha, a sua teologia e a sua práxis, com a mesma pergunta: *Há alguém que nos ouça?*

I. O reverso da história

A história não é simplesmente história universal, ou, se assim for, seu universalismo passa por evoluções e revoluções mais quotidianas. O *anseio pelo infinito, pela verdade e pela felicidade...* nos obriga – mais uma vez – a reconhecer os detalhes da vida de um povo: reconhecer as identidades dos sujeitos, as histórias cotidianas que tecem a vida misteriosamente.

As pessoas pobres têm as mesmas preocupações que todos: a felicidade, a família, os filhos, os meios de vida, a paz, a segurança, a proteção, a dignidade e o respeito... – estava escrito no relatório do Banco Mundial –. Os anseios dos povos, das sociedades, das culturas, assumem os traços mais próprios da vida e se concretizam na cotidianidade das histórias de mulheres e homens, meninos e meninas, jovens, os quais têm as mesmas preocupações que todos temos. Então nos per-

[2] Eduardo Galeano. Patas Arriba. La scuela del mundo al revés. México 1998. p. 31.

[3] La voz de los pobres. Hay alguien que nos escuche? (Há alguém que nos ouça?) Deepa Narayan com a colaboração de Raj Patel, Kai Schafft, Anne Rademacher, Sarah Koch-Schulte. Banco Mundial. Edições Mundi-Prensa. Madri, Barcelona, México 2000.

guntamos: è verdade que a Igreja sabe o que preocupa a todos?

A pobreza dói – continuava o relatório do Banco Mundial na introdução –: *a pobreza dói. Os pobres sofrem uma dor física em conseqüência de comer pouco e trabalhar muitas horas; dor emocional que está na raiz das humilhações diárias que leva à dependência e à falta de poder e dor moral por se verem forçados a fazer escolhas; por exemplo se usam os recursos limitados para salvar a vida de um membro da família doente ou para alimentar os filhos. Se a pobreza é tão dolorosa, porque os pobres permanecem na pobreza? Os pobres não são vagabundos, nem tontos, nem corruptos, por que, então, a pobreza é tão persistente? Analisamos este problema a partir de duas perspectivas: uma a partir das realidades, experiências e pontos de vista das próprias mulheres e homens pobres; e a outra, do ponto de vista institucional, centrando a atenção nas instituições informais e formais da sociedade que interagem com os pobres.*

Este quadro não é simples retórica sobre a situação sócio-política e econômica dos continentes mais empobrecidos, por isso gostaríamos de nos servir desta análise para re-traduzir o Documento de Participação. Com esta intenção poderíamos dizer que cada *anseio* dói; o anseio por liberdade, pela verdade, doem, assim como dói a sede de infinito, para usar as mesmas expressões do Documento de Participação. Estes anseios fazem parte dos corpos, têm uma história, são sentidos na pele; através da história pessoal e coletiva da maioria das pessoas; fazem o corpo tremer com calafrios. Estes anseios não podem ser medidos por conceitos filosóficos universais, mesmo conceitos existenciais, mas sim pela mais profunda fidelidade ao tempo e aos espaços cotidianos, tempo e espaços dos quais o povo mais simples não pode escapar, e sobre os quais nenhuma instituição pode simplesmente refletir. Tempos e espaços que, necessariamente, para os povos, devem ser criativos para que possam continuar vivendo.

É por isso que eu gostaria de retomar uma metodologia que sempre nos ajudou no Continente, para ler a vida e amá-la, criticá-la e corrigi-la, e também para poder contemplar, descobrir e amar os sinais do mistério, partindo dos contextos concretos das nossas histórias.

Propomos não abandonar a possibilidade que o próprio Evangelho nos dá de ler o reverso da história, retomando uma metodologia que se deixe guiar pelo desafio da pergunta histórica: *Há alguém que nos ouça*? Pergunta de mulheres, pergunta dos povos indígenas e de suas culturas, pergunta dos jovens, pergunta dos recursos naturais, pergunta dos mártires, pergunta de Deus.

... a pobreza dói. Os pobres sofrem uma dor física em conseqüência de comer pouco e trabalhar muitas horas; dor emocional que está na raiz das humilhações diárias que leva à dependência e à falta de poder e dor moral por se verem forçados a fazer escolhas ...

Ler o reverso da história significa voltar a buscar outros pontos de vista e, então, outros caminhos e outras possibilidades, partindo de outras pessoas e outros sujeitos. O reverso da história traz o eco evangélico, com sua profunda sabedoria: *os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros...*

os maiores (serão) *os menores, e os menores os maiores...* (Cf. Mc 10,31; Mt 20,16). Não se trata de um cálculo matemático, nem de um movimento hierárquico, segundo o qual dispomos de modo diferente objetos e pessoas. Não é nem mesmo um movimento que segue as leis lógicas de espaço: em cima, em baixo, de um lado ou de outro; somar, diminuir, dividir... O reverso da história poderia ser o critério para aprender a ler a realidade, e reconhecer seus mais sutis movimentos, além de seus sujeitos alternativos. A Igreja, com esta metodologia, não só se pergunta em que Deus crê, mas também em que pessoas, em que sabedorias crê. O reverso da história significa voltar a percorrer a história com outros critérios, redescobrindo quem são os sujeitos escondidos, quais são as sabedorias que sustentam a vida, os mananciais que refrescam, as razões que justificam nossa esperança e nossa criatividade. Hoje, como sempre, as razões da esperança dos pobres certamente são diferentes das razões que sustentam a esperança dos ricos, assim como as razões da esperança das mulheres, da esperança dos povos indígenas, dos trabalhadores e trabalhadoras dos mercados latino-americanos, são diferentes da esperança dos grandes centros financeiros dos países ricos.

Ler o reverso da história significa dizer-nos o que estamos vendo... Para dizer o que estamos vendo, porém, precisamos estar no meio da realidade concreta, conhecer os contextos, conhecer os anseios, e a sede que inquietam os sujeitos de outros contextos.

II. O que você está vendo?

Ler o reverso da história significa dizer-nos o que estamos vendo... Para dizer o que estamos vendo, porém, precisamos estar no meio da realidade concreta, conhecer os contextos, conhecer os anseios, e a sede que inquietam os sujeitos de outros contextos. Eu gosto de recuperar a importância de um texto bíblico que evoca a vida de todas e de todos nós, de nossos companheiros e companheiras de caminho, do povo com o qual partilhamos a vida, o tempo, os espaços. O texto bíblico que evoca o cosmos, e evoca a história, a sociedade, os povos: Jeremias 1,11-13: *O Senhor me dirigiu a palavra nestes termos: "o que estás vendo Jeremias?" Respondi: "vejo um ramo de amendoeira". Então me disse o Senhor: "Viste bem. Pois assim sou eu, estou vigiando sobre a minha palavra para realizá-la". Novamente foi-me dirigida a palavra: "o que estás vendo?" Respondi: "Vejo uma panela fervendo, cuja boca está voltada do norte para o sul".*

Não sei se se trata de interpretar este texto. Não sei nem mesmo se a exegese mais urgente que nos é pedida hoje em dia se refira ao texto bíblico ou à realidade. O que me parece claro é a primeira parte deste texto: *O Senhor me dirigiu a palavra nestes termos... Estes termos* não são somente palavras, mas são o que se vê e o que se pode ver. Estes termos são: *a amendoeira, a panela fervendo.*

Não estamos procurando respostas, modelos, mas estamos nos re-posicionando na história. Mulheres e homens que se re-posicionam na história em relação à fé, ao Evangelho, ao poder: político, religioso, econômico.

Continuo pensando que o que temos que fazer é, mais uma vez, extrapolar, e ir atrás dos rastros simples, com suas ambigüidades. Trata-se de um seguimento místico e, por isso, profundamente histórico, com toda a paixão vivencial da vida: com o gosto, o olfato, o tato, a visão.

Sinto que deveríamos nos acompanharmos docemente, com afeto, até a visão da fé, isto é, olhar e ver o que se vê e nada mais, e permanecermos profundamente vigilantes e intimamente presentes.

O diálogo entre Deus e seus amigos, amigas – profetas – tem esta calidez e este afeto; é algo precioso: *O que estás vendo, Jeremias?* (Cf. Jr 1,11). E o que o profeta vê é simplesmente a realidade, o que o cerca, ao seu redor; este misterioso ecossistema onde também as amendoeiras são preciosas, como preciosa é a panela fervendo (Cf. Jr 1,13), ou uma sarça ardendo (Cf. Ex 3,2), ou um sepulcro vazio, lençóis caídos ao chão... (Cf. Jo 20,5). Simplesmente uma amendoeira, simplesmente uma panela, simplesmente uma sarça, simplesmente lençóis... nada mais. Temos que aprender a ler o que todo mundo pode ver: estas são as nossas visões, esta é a nossa experiência e fidelidade à história que está em busca. O ponto de partida é o que estamos vivendo, o que todo mundo vê, o que poderíamos ver juntos, juntas, e não os conceitos universais, de uma filosofia ou teologia sumamente neutros.

III. Reconhecer: Eu mesma fui meu caminho

Dentro dos infinitos aspectos que temos de ver e reconhecer, estando no contexto latino-americano e caribenho, gostaria de tomar um: o despertar das culturas e de suas identidades. Resgato esses matizes através de um poema e de perguntas ao "Documento de Participação": onde estão as culturas? Onde está a sabedoria dos povos indígenas, as dos povos que resistem e inventam a própria vida? Onde está a sua teologia, o seu sentir Deus de outro modo? Onde está a teologia das mulheres que, a partir do nosso continente, falam e interpretam Deus? Estes fragmentos de história não podem ser ignorados.

Eu mesma fui meu caminho... é o título de um poema de Julia de Burgos, poetisa portorriquenha, e poderia ser também a digna afirmação e o cântico do Continente Latino-americano e Caribenho; comparo este poema com a situação atual do nosso continente: histórias antigas e contemporâneas, muito mais independentes do que pensamos; histórias para reconhecer:

Eu quis ser como os homens
queriam que eu fosse:
uma intenção de vida; um jogo
de esconde-esconde com meu ser.
Eu estava acostumada a presentes,
e meus pés lisos sobre a terra
promissora não agüentavam
caminhar para trás, e seguiam
avante, avante, enganando o pó
para alcançar o beijo de novas
veredas.
A cada passo dado para frente
no meu caminho cortava as minhas
costas o balançar desesperado
dos velhos troncos.
O ramo estava solto, para sempre,
e a cada novo açoite o meu olhar
se separava mais e mais e mais dos
distantes horizontes conhecidos:
e o meu rosto ia tomando a
expressão que lhe vinha de dentro,
a expressão definida que assomava
de um sentimento de libertação
íntima; um sentimento que surgia
do equilíbrio sustentado

entre a minha vida e a verdade do beijo das novas veredas.
Já definido meu caminho no presente, senti-me brotar de todos os solos da terra, dos solos sem história, dos solos sem porvir, do solo sempre solo sem ouvidos de todos os homens e de todas as épocas.
E eu estava toda em mim como em mim estava a vida...
Eu quis ser como os homens queriam que eu fosse: uma intenção de vida; um jogo de esconde-esconde com meu ser..., o tempo se entrelaça: passado, presente, futuro, tudo se mistura em ritmos mais ou menos harmônicos:... *Eu estava acostumada a presentes, e meus pés lisos sobre a terra promissora não agüentavam caminhar para trás, e seguiam avante, avante, enganando o pó para alcançar o beijo de novas veredas...* Este dinamismo se dá entre docilidade e resistência.

Trata-se de encontrar uma metodologia humilde e contemplativa que nos permita reconhecer, e voltar a descobrir tudo o que até agora nos manteve em vida, ainda que nunca tenha tomado parte na história oficial. Então, percorrer outra vez o caminho até as origens, as raízes, as fontes, os poços:... *e o meu rosto ia tomando a expressão que lhe vinha de dentro, a expressão definida que assomava de um sentimento de libertação íntima; um sentimento que surgia do equilíbrio sustentado entre a minha vida e a verdade do beijo das novas veredas...* A sabedoria percorre outros caminhos, habita outros espaços. O caminho do Continente sempre foi diferente. Seria verdadeiramente um erro ou um pecado não considerar estas histórias presentes plasmadas por algo muito antigo.

... e o meu rosto ia tomando a expressão que lhe vinha de dentro, a expressão definida que assomava de um sentimento de libertação íntima; um sentimento que surgia do equilíbrio sustentado entre a minha vida e a verdade do beijo das novas veredas...

Como não abandonarmos o grito místico-político que acompanhou nossas comunidades nos momentos do martírio latino-americano e caribenho, martírio que hoje é provocado por novas situações oficialmente aceitas, frente às quais nos é pedida a capacidade de discernimento político sobre nossas atuais democracias, sobre os projetos que outros planejam por nós (ALCA, TLC)? Como juntar as buscas de nossas comunidades às de outras que pensam que "outro mundo é possível"?

A Igreja tem que ir novamente às fontes da Palavra, até a sua *Arqué*. Não é suficiente a memória da primeira evangelização, nem para agradecer, nem para pedir perdão pelos sofrimentos provocados. No Continente estão guardadas também outras fontes misteriosamente conservadas na vida... enquanto a opção pelos pobres nos pede uma maior radicalidade, fazendo-se opção pela sabedoria dos povos e das suas culturas.

IV. A palavra também é ancestral

Quando o continente americano se reúne não pode se esquecer de percorrer os fragmentos e as etapas de sua história

místico-política, voluntária ou obrigatoriamente entrelaçada ao longo do tempo. Hoje, mais que nunca, esta história sobressai com a sua eloqüência, não somente memorial dos acontecimentos mesclados de morte e vida, evoluções e revoluções, mas toma consciência de uma gênesis mais original e própria, muito mais do que até agora soubemos ouvir e pensar: anseio pela *consciência* e pelas sabedorias que emanaram centelhas de luz parecidas a plumas de colibris ancestrais, mariposas, "quetzales" codornas, pavões e condores...

Hoje, mais que nunca, esta história traz consigo ecos, sabores e perfumes, cores, muito antigos, e também memórias e muitas memórias das quais a Igreja do continente não pode passar por alto ou simplesmente nomear, como uma lista que separa os bons dos maus, e que só lembra derrotas e fracassos, reconhecendo *as atuais dores de parto*.

Pode ser que tenhamos que voltar até às fontes mais antigas, utilizando os critérios da história e da arte, *das palavras andantes* – como diria Galeano – e dos gestos pontuais e silenciosos. Percorrer o rio até uma proto-história não somente ameríndia mas também proto-cristã. Gênesis de sonhos que caminham pelas coordenadas geográficas do tempo. Gênesis secreta que preparou a terra, o mar, os lagos, os vulcões e as cordilheiras...

Também a Palavra bíblica tem uma história muito mais antiga, uma história sem *Arqué*, que segue os movimentos mais secretos da natureza: *"assim acontece com a palavra que sai da minha boca: ela não volta a mim sem efeito, sem ter cumprido a sua missão"* (Is 55,11). Movimento das chuvas que não voltam ao céu sem ter dado fruto... Porque a chuva não é fenômeno somente da história de Israel; os trópicos também conhecem as chuvas, assim como os pampas e as cordilheiras a conhecem... Também o arco-íris era conhecido pelo olhar dos povos ameríndios... Pelos caminhos do Continente também foram vistas mulheres grávidas ou que acabaram de dar à luz... (Cf. Jr 31), brotar as flores dos ipês, dos marmeleiros... e das araucárias... porque a vida já havia parido as sementes... O Leviatã já se divertia nos mares do Continente (Cf. Sl 104), maior e mais cômodo que o mar Mediterrâneo. Deus também estava sentado no Continente vestindo os lírios do campo (Cf. Mt 6,28), e contando os cabelos dos povos (Cf. Lc 12,7); ocupado mais que nunca, pois os cabelos da Ameríndia eram muito mais abundantes que os dos europeus... A *"serpente emplumada"* existia também ali nos tempos dos toltecas chegados do norte... Civilizações muito mais antigas que a mesopotâmica, a egípcia, a grega bizantina, a islâmica... Civilizações em formação – algumas – ou recém-desaparecidas – outras -, quando chega a cultura cristã-européia... *civilizações que cumprem sua parábola em um total isolamento, civilizações autóctones, fechadas, impermeáveis, fora dos valores artísticos e culturais que outras civilizações conhecem; civilizações que expressam seu próprio mundo representativo, com seus significados, estranhos a outra estética e a outra visão... ainda que orgânicos e coerentes* (Gina Pischel), e não simples grupos separados entre si, como às vezes gostaríamos de pensar que fossem para justificar a diversidade, a incompreensão, o medo... Uma geografia extensa: desde o norte americano até o gelo da Patagônia, deslizando pelos interstícios dos arquipélagos caribenhos.

Mundo separados, sem dúvida eram muitos, cada um seguindo sua história e seus ritmos atmosféricos e biológicos, as-

sim como seus mistérios percorriam diferentes longitudes, simbologias e linguagens. Impossível não pensar que a sabedoria percorria os espaços; impossível não pensar que não inspirasse os que caminhavam, nômades ou sedentários... pegadas e sinais, ensaios de escritura e desenhos; pedras, esculturas e altares, ao longo das longitudes geográficas de suas terras... Testemunhos, junto com seus próprios "protomártires", isto é, homens e mulheres que deram a vida pelos sonhos indescritíveis e inexprimíveis...

...Como o cálice de argila era a raça mineral, o homem feito de pedra e atmosfera, limpo como os cântaros, sonoro. Canta com beleza Pablo Neruda.

Percepção de um tempo diferente: calendários meso-americanos, tempo vivido como um rito, protagonismo de homens e animais, linguagens do corpo e da natureza: *(queletzu), primeiro animal que cantou quando apareceu o sol, tão semelhante ao periquito que revelou aos Formadores e Trabalhadores onde se encontrava o milho com o qual formar a carne do homem*, segundo o que descreve o *Popol Vuh*. *Akapacha* dos Andes: mundo das fibras da terra: *Ch'ama-pacha* energia e força, ética e estética da vida do povo; trama sutil da solidariedade humana... *Jayapacha* espaço comunitário do tempo em que os seres humanos se desenvolvem e desenvolvem a história e as sabedorias. *Araxapacha*: espaço cósmico, sistema do universo, grupos estelares e lei da gravidade e da atmosfera. Cores do arco-íris, sinal sacramental, inspiração da organização da sociedade comunitária e harmônica dos andes[4]...*Como o cálice de argila era a raça mineral, o homem feito de pedra e atmosfera, limpo como os cântaros, sonoro*. Canta com beleza Pablo Neruda. E nós, sabemos perceber estes ecos?

Todas as vezes que a comunidade eclesial quis renascer e se reposicionar deste lado da história teve que voltar a uma aprendizagem atenta aos detalhes da realidade que a rodeia; e todas as vezes que fez isso, encontrou-se envolvida em um mistério de vozes humano-divinas. Esta Palavra enchia as dimensões da vida, derramava a chuva, surgia de baixo, unia-se ao tempo e inspirava amigos (as) de Deus e profetas, até se tornar linguagem humana e cultura. Todavia, quando a separamos da vida, tornou-se imóvel, como uma relíquia; conservamo-la sem sentido algum, tornou-se instrumento de morte, inquisição, em vez de vida. Quando pensamos que nossa teologia era a garantia segura da verdade, traímos a busca intensa do Mistério, ignoramos as infinitas visitações de um Deus que falava desde sempre, em tempos e momentos diferentes (Cf. Hb 1,1) e que falava a linguagem humana mais doce, secretamente.

Hoje a comunidade de fé é chamada a percorrer o caminho até a *Arqué* e as fontes da Palavra, junto com os povos do Continente, até às nascentes. Neste percurso descobrirá sua teologia enriquecida por outros mananciais e voltará a sentir o encanto da revelação, não como um dado estático, mas como a possibilidade de um novo encontro com o Mistério e consigo mesma, enquanto – como canta a Sura XXXIX, 24 do Alcorão – *a pele se dilata e*

[4] Cf. Revista Chasqui ed. Junio 1990. Edit. Luciérnaga.

se contrai, voltando a ouvir e a ver, entre silêncio e som, entre ausência e presença.

Alguém disse que a pátria do escritor é a sua língua. Por analogia, podemos dizer que a pátria de uma religião é a sua cultura, isto é, o meio original onde foi gerada... – escreve Javier Melloni Ribas[5]. Sem dúvida – continua – não estávamos conscientes disso até muito recentemente, porque a hegemonia do Ocidente cristão nos fez considerar como universal o que era somente uma particularidade cultural, incapaz, portanto, de englobar a totalidade da revelação, nem sequer de uma revelação: a veiculada pela Tradição cristã.

Isto nos parece o trabalho urgente da comunidade de fé hoje em dia no Continente Latino-americano e Caribenho: reconsiderar as tramas entremeadas da revelação, jogo entre silêncios, palavras, contatos, visões. *Estas centelhas acabam vertendo-se em umas Palavras primordiais – que primeiro foram orais e depois se fixaram por escrito -, as quais custodiam a Fonte e a própria origem da crença-experiência (a revelação) que veiculam*[6].

Com estas premissas pedimos à V Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho que seja intercultural; tempo e espaço em que se encontram o despertar dos povos com o despertar da comunidade que crê: novo amanhecer da fé, das identidades e da biodiversidade cósmica, e, por isso, novo futuro.

Quadros dentro do texto:

Quadro 1: "Parece-nos interessante poder desafiar a comunidade cristã latino-americana e caribenha, a sua teologia e a sua práxis, com a mesma pergunta: *Há alguém que nos ouça?*".

Quadro 2: "Trata-se de um seguimento místico e, por isso, profundamente histórico, com toda a paixão vivencial da vida: com o gosto, o olfato, o tato, a visão...".

Quadro 3: "Ler o reverso da história significa voltar a buscar outros pontos de vista e, então, outros caminhos e outras possibilidades, partindo de outras pessoas e outros sujeitos".

Quadro 4: "Hoje a comunidade de fé é chamada a percorrer o caminho até a *Arqué* e as fontes da Palavra, junto com os povos do Continente, até às nascentes".

Tradução: Aurea Marin

Endereço da autora:
Dieciocho 136
Casilla 9501
Santiago – Chile

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1 – O que você acha do método ver-julgar-agir que a autora propõe para o Documento de Participação?

2 – Pensemos na pergunta: *Há alguém que nos ouça?* Por que os documentos da Igreja não têm mais tanto interesse pelo povo como tiveram no passado?

3 – É sempre difícil colocar-se no lugar do outro. O que significaria para nós, na Igreja, na vida religiosa..., Levar a sério o respeito por outras culturas?

[5] Javier Melloni Ribas. El Uno en lo Múltiple. Aproximación a la diversidad y unidad de las religiones. Bilbao 2003. Pp. 48-49.

[6] Javier Melloni Ribas. Op. cit. P. 51.

Da Vida Consagrada à consagração da vida: Reflexões para uma mística socioambiental

MÁRCIO HENRIQUE PEREIRA, OFM

Na América Latina, há séculos existem religiosos e religiosas com notável participação na caminhada e lutas emancipatórias das comunidades locais. Não são poucos os exemplos. Entre os mais ilustres citem-se Bartolomeu de las Casas, ardoroso defensor da causa indígena; os jesuítas das reduções, a resistir aos interesses mercenários de colonizadores; São Pedro Claver, humilde apóstolo dos negros; recentemente os mártires dos governos totalitários em praticamente todas as nações ameríndias e dos mais diversificados institutos religiosos. Neste empenho, destacam-se também bispos. Só no Brasil, nos anos recentes, temos o claretiano Pedro Casaldáliga, o jesuíta Luciano Mendes de Almeida, os franciscanos Aloísio Loscheider e Evaristo Arns e assim sucessivamente.

Portanto, é injusto falar que a vida religiosa no continente se manteve ausente das lutas do povo. Todavia, também é inexato dizer que sempre, em todos os níveis, institutos e na totalidade dos membros, houve uma adesão às causas de justiça provenientes dos clamores populares. Lamentavelmente, sabemos que não é assim. Muito temos para expiar.

Na órbita ambiental, a coisa ainda é mais precária. São pouquíssimos os que logo perceberam a questão socioambiental como importante. Talvez, o nome do Brasil colonial mais destacado aqui seja o do franciscano e botânico frei Rogério, que viveu no Rio de Janeiro com suas práticas de agricultura – que hoje chamaríamos – orgânica. Muito recentemente, a figura frágil e insigne de uma mulher octogenária, irmã Dorothee, trouxe ao cenário da vida consagrada nacional uma nova luz e desafios. Seu martírio explicita e antecipa a urgência da causa socioambiental, que é, sem dúvida, fundamental campo de missão para a vida consagrada dos nossos dias. O derramamento de seu sangue é mais que um sinal eloqüente da força e vitalidade da vida consagrada no Brasil. É a mão mesma de Deus a provocar-nos, a indicar-nos o seu projeto inefável de amor e cuidado com seus filhos. O Deus dos profetas vetero e neotestamentários suscita hoje e sempre mulheres e homens a indicar sua vontade. E em nosso dias, a causa socioambiental é o clamor do povo de Deus.

Mas o que é esta causa socioambiental? É a compreensão de que a questão social, ou seja, os índices alarmantes de pobreza e miséria nascidos das contradições dos sistemas político-econômicos vigentes, particularmente do modelo capitalista liberal, têm um vínculo indissociável com a destruição ambiental. Ou seja, as mesmas causas que geram a fome, o desemprego, a desfiliação, os supranumerários, a pobreza, geram também a exploração desenfreada da natureza. Por outro lado, toda vez que há uma alteração do meio natural, dos ecossistemas, conseqüentemente, a médio e longo prazo há um aumento acentuado da pobreza, ainda que num primeiro momento tenhamos a ilusão de um incremento da produção e da riqueza.

Por isso, a um passo da campanha da fraternidade de 2007, centrada na ques-

tão amazônica, que refletirá sobre os graves problemas ambientais brasileiros, queremos propor aos religiosos e religiosas justamente um aprofundamento de nossa reflexão e práticas socioambientais e como a vida consagrada pode responder a estes desafios.

1. A consagração da vida como dimensão essencial da Vida Consagrada

Como homens e mulheres de fé, temos na consagração de nossas vidas o aspecto fundamental de nosso seguimento de Cristo. A vida, valor fundamental, é para nós um dom e oblação. Com Jesus, queremos oferecê-la ao Pai, para que, como semente fecunda, germine em tantas outras vidas. Por outro lado, sabemo-la dom gratuito de Deus, Senhor da Existência, fonte e origem de todo ser. A valorização da vida é a nossa missão, quaisquer que sejam os carismas dos nossos institutos. Seja nas celebrações cotidianas, na vida de oração e devoção, seja nos mais diversos ministérios desempenhados (ministério da reconciliação, ministério da instrução-formação, ministério do acompanhamento, ministério de cura e cuidado dos doentes, ministérios aos excluídos, ministérios pastorais, enfim, toda forma de serviço eclesial), sempre o centro é a Vida. E sabemos que a Fonte da Vida é Cristo. E queremos conduzir a Ele os que convivem conosco, sobretudo por uma conduta coerente mais do que por palavras. Mas a morte sempre espreita as manifestações da vida, como a sombra acompanha a luz. Aliás, a vida parece mais frágil que as forças que lhe opõem. A força econômica, o grito de guerra, o ódio, a destruição parecem mais poderosos que as lutas em favor da justiça, da paz, da reconciliação, o clamor dos pobres, o silêncio eloqüente da generosidade, do cuidado com o mundo criado. Então o combate é constante, permanente. Há forças demais a se opor ao projeto da vida, aparentemente frágil, desprotegida, destituída de poder e armas. Todavia, o nosso Deus é o Deus da Esperança. E assim, confiamos que a palavra final é de Vida, que supera o egoísmo, a dor, a morte. E por isso caminhamos...

Se consagrar a vida é ponto pacífico em nossas meditações e escritos, a consagração da vida, *de toda a vida*, de todo o ser criado, já inscrita no universo, porque originadas no Sagrado, como fonte da Vida, deveria ser igualmente pacífico. A vida humana que consagramos é parte integrante de um Universo que participa da sacralidade daquele que o Criou. Vestígios de Deus se encontram em todo o universo, em toda parte, e a vida é sagrada por isso mesmo: *recebe de Deus o seu ser*. Por isso, precisa ser respeitada, amada, cuidada, como reverência ao Criador. São Francisco nos ensine a entender isto!

Se consagrar a vida é ponto pacífico em nossas meditações e escritos, a consagração da vida, *de toda a vida*, de todo o ser criado, já inscrita no universo, porque originadas no Sagrado, como fonte da Vida, deveria ser igualmente pacífico.

Em nossos dias, a luta pelo respeito à vida tem endereço certo: somente numa

busca pela valorização do que é de todos – e de ninguém em particular – pode se traduzir num benefício a todos. Em termos mais simples: estamos todos numa mesma barca. O que afeta a um, afeta a todos. Se eu promovo só a minha vida, dos meus familiares, do meu grupo, e destruo o comum e negligencio o que promove ao próximo, assino meu atestado de óbito e o de todos. Suicídio coletivo! Se ao contrário, empenho-me na solidariedade, na construção dos sujeitos coletivos, na compreensão dos bens como universais, no amor recíproco, todos ganhamos. Todos têm vida em abundância!

2. A morte-vida no ciclo natural da vida

Há mortes que não comprometem a vida. Ao contrário, compõem o ciclo natural da vida como antítese necessária. Referimos aqui à morte natural, a passagem necessária pela qual passa todo o ser vivo em virtude da espiral reprodutiva-evolutiva. Os microorganismos que causam doenças, os combates de sobrevivência entre espécies distintas e membros da mesma espécie, o degeneramento natural dos seres, são exemplos deste combate sem tréguas do universo. Dizem que até as relações erótico-sexuais compõem-se de estágios de vida e morte, no duelo entre os amantes. Sem estas mortes, pequenas e grandes, não existiria a vida. A vida se alimenta desta retroação contínua de vida-morte-vida. Não nos opomos, evidentemente, a ela. Ambas (vida e morte naturais) se integram, se exigem, se completam.

A nossa luta é contra a morte inútil, desnecessária, provocada pela maldade, pelo egoísmo, pela ganância. Opomo-nos à morte que poderia ser evitada, dispensável, destruidora da vida, que não a compõe nem recompõe. Esta espécie de morte é antinatural, constitui-se de estratégias nefastas de busca incessante de benefício de poucos em detrimento dos outros, da maioria ou do conjunto todo. É engendrada pela acumulação cega de bens. Por aqueles loucos de que fala o Evangelho, a entesourar bens que a traça e a ferrugem destroem, a encher os celeiros enquanto o irmão passa necessidades tamanhas. É da morte dos pequenos, dos justos, dos que só tem a força do trabalho, incapazes de resistir à ganância dos que detêm as forças produtivas, sabiamente acusados desde a carta de Tiago.

Este gênero de morte provém de mãos criminosas e olhares cegos, incapazes de sentir a voz do universo, quase sufocada, a pedir apenas para continuar o seu ciclo natural de existência e de vida. Seus autores não concebem que a riqueza do patrimônio natural é um dom da inesgotável bondade de Deus, de seu vastíssimo poder criador, cujas centelhas refulgem na enormidade da diversidade da vida no universo.

Como podemos negligenciar a morte de milhares e milhares de irmãos por falta de alimento, de moradia digna, de trabalho e sustento? Como podemos assistir a conflitos intermináveis sempre alimentados por disputas intestinas sobre bens e produtos? Como podemos conviver com o desaparecimento de animais e plantas e os considerar natural? Como permitir o espoliar das futuras gerações em relação à herança maravilhosa do vastíssimo patrimônio natural que hoje desfrutamos? Não é uma ofensa e ingratidão imensas ao Criador, que permitiu que assim existissem na beleza das formas evolutivas? A mesma crueldade que tolhe a vida e/ou os espaços vitais de animais e plantas é a crueldade que destrói a vida dos humanos

indefesos e inocentes bem como de seus espaços de vida, sobrevivência e gozo.

Será que no processo dito "civilizatório" perdemos algo essencial, fundamental, em nossa concepção de mundo, em nossa relação com o universo? As sociedades arcaicas não têm nada a nos ensinar e propor? Que houve conosco? Que sucedeu com os vínculos indissociáveis de sobrevivência e relacionamento bem dispostos em todo o universo?

3. Integração sócio-eco-planetária e a economia da resistência e da recusa

Um antropólogo de grande envergadura, Pierre Clastres[1] nos indica com lucidez que as sociedades tribais primavam por uma espécie *economia de resistência e recusa* ou uma *não-economia*, que não significa em absoluto uma "economia de subsistência" com se dizia outrora. "Inacabamento, incompletude, falta: não é absolutamente desse lado que se revela a natureza das sociedades primitivas. Ela impõe-se bem mais como positividade, como domínio do meio ambiente natural e do projeto social, como vontade livre de não deixar escapar para fora de seu ser nada que possa alterá-lo, corrompê-lo e dissolvê-lo... as sociedades primitivas são sociedades sem economia por recusarem a economia"[2].

Há uma coerência na reflexão de Clastres a vincular economia, como a entendemos, e Estado. O Estado emerge justamente como forma de proteção da acumulação, da privatização dos bens outrora coletivos, da institucionalização do poder e da palavra. Por isso, ao recusarem este modo de economia, as sociedades arcaicas recusam igualmente o Estado. A economia tribal ou as sociedades "sem economia", se assim pudéssemos denominá-las, não é uma forma de relação com os bens marcada pela carência, pela falta, na luta incessante de subsistir. Ao contrário, é marcada, como bem nota o autor, pela positividade, por uma integração da sociedade em sua dimensão antrópica com a dimensão eco-planetária. Resiste-se à "alteração, à corrupção, à dissolução" tanto da sociedade como do meio ambiente natural.

Não é este o projeto socioambiental dos grupos de reflexão ecológica hodiernos? Este modo de vida e concepção não pode servir também às comunidades integradas num sistema de globalização contra-hegemônica?

Sem dúvida, reincidimos na pergunta: mas o que serve às pequenas e restritas sociedades primitivas serve às grandes e complexas sociedades internacionais ou mesmo dos grandes Estados nacionais? Podemos desconsiderar os mui confusos, complicados, inextricáveis e até obscuros traços históricos da formação societária e estatal das sociedades atuais?

O problema é que a questão, posta desta forma, levará evidentemente a uma resposta desfavorável ou quanto muito a uma não-resposta, a uma perplexidade, a um silêncio. A questão deve ser colocada justamente no sentido inverso para se enxergar um caminho, uma luz no fim do túnel: as sociedades humanas complicadas, multifacetadas, plurais, encontrarão outra forma de se relacionarem com a existência planetária e universal se não se constituir mecanismos de resistência e

[1] CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado.** São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 207-234.
[2] id., ibid.: p. 216-217.

recusa de um sistema político-social de base econômica altamente destruidor, corruptor e que dissolve as bases naturais da convivência humana com os demais existentes? Ou de modo mais simples, não será uma economia de resistência e recusa, à semelhança das sociedades primitivas, a forma viável para impedir o colapso premente socioambiental?

... a vida consagrada, pela própria opção de reconhecimento da consagração do universo a Deus, pelo que a nossa consagração é uma decorrência do sagrado já existente desde as origens do universo em Deus, opta pela Vida.

Assim, encontramos uma resposta positiva. E mais, uma resposta assim em absoluto será simplista se entendermos que a recusa e resistência passa pela expressão comunitária, pelo esforço de emancipação social, pela construção de uma cultura cidadã, pelo empenho de integração, pela emergência da solidariedade e do cuidado, pelo respeito às peculiaridades e diferenças, pela sobreposição do coletivo ao individual, enfim, pela concepção de que um "outro mundo é possível".

Para nós da chamada vida consagrada, a resposta é ainda mais tranqüila. Parece-me que a idéia de uma economia de recusa e resistência combina bem com nosso propósito de seguimento de Cristo. Coaduna com o nosso ideal de pobreza, de despojamento, de vida modesta, sóbria e coerente!

4. E a vida religiosa? Que fazer? Que posição tomar?

Penso que na essência mesma de nossa consagração, a resposta já está dada: a vida consagrada, pela própria opção de reconhecimento da consagração do universo a Deus, pelo que a nossa consagração é uma decorrência do sagrado já existente desde as origens do universo em Deus, opta pela Vida. Pela Vida de Deus, pela vida de Deus nos irmãos, pela Vida de Deus no universo, pela Vida de Deus em abundância em tudo e em todos. Projeto por demais ambicioso? Evidente! Mas o Reino instaurado por Cristo também não é por demais ambicioso? E ao mesmo tempo é como a semente da mostarda de Israel, como o fermento na massa – inicia na pequenez e discrição dos pequenos gestos: da gentileza e grandeza do óbulo da viúva, e, em nosso caso, dos que optaram pela solidão em Deus, repleta de sentido e força; pela pobreza do que têm somente a Deus por herança, e portanto, os mais ricos de todos; pelos que fazem do amor a todos sua bandeira, e, em virtude disso, renunciam à posse, ao domínio e ao exclusivismo mesmo afetivos...

A posição inequívoca da vida religiosa em favor da vida decorre, então, de sua própria configuração ao Cristo. Ele, mestre, senhor da Vida, Ressuscitado, em quem o universo todo se redime, "amigo das crianças e dos pobres", servidor de todos, a entregar sua vida por todos, nós discípulos, pequenos, humildes, cuja missão está estreitamente vinculada à dele (na "*submissio*" ao Mestre), também servidores a entregar, ainda que mais cambaleantes, nossa vida e existência à Vida! Claro está que isto só acontece na graça de Deus, em quem nossa fraqueza se aperfeiçoa! Do contrário, quem seríamos nós para nos pretendermos seguidores de tão grande Mestre?

5. Quais as manifestações da causa socioambiental? Onde inserir-nos?

Em cada comunidade nas quais estamos e vivemos há um sem número de problemas sociais. A eles se associam problemas ambientais. Um pouco de sensibilidade, de escuta, de abertura, permite com facilidade descortiná-los. As comunidades mesmas nos levam a eles. Fazem-nos perceber sua gravidade, sua urgência. Ou é um problema de desmatamento (cerrado, mata atlântica, floresta amazônica, matas ciliares, caatinga...), decorrente da ausência de uma política de produção de renda com preocupação ambiental, com conseqüências trágicas, como o empobrecimento do solo, o desaparecimento de espécies nativas, o deslocamento de populações tradicionais (ribeirinhos, quilombolas, caboclos, indígenas...), sobretudo os mais pobres, a afetar a qualidade de vida das populações locais e reduzir a biodiversidade, ou é uma questão de poluição de rios, nascentes. Lençóis freáticos e oceanos; ou é destruição de parques, reservas e de manguezais; ou a falta de tratamento de esgotos; ou a existência de barragens por conta de um modelo de produção de energia inadequado, com os conseqüentes atingidos; ou a falta de reciclagem adequada do lixo e resíduos de indústria... Enfim, uma gama enorme de desafios. Claro que cada religioso individualmente não dá conta desta enormidade de problemas. Mas cada um, em sua área de atuação específica, pode contribuir significativamente para suscitar consciência ambiental, primeiro em si mesmo e depois na comunidade circunvizinha, e buscarmos, juntos, soluções conjuntas. A primeira e mais simples forma é pela educação ambiental. A segunda, e indispensável, é pelo engajamento que nasce da audição atenta do povo. E a terceira, e igualmente fundamental, é um olhar amplo, integrado das realidades da sociodiversidade e da biodiversidade. É Francisco de Assis quem nos anima: "Irmãos e irmãs, recomecemos, pois até agora pouco ou nada fizemos!".

Marcio Henrique Pereira
é frade e presbítero franciscano, trabalha na formação de noviços, bacharel em Direito pela Universidade Estadual Paulista (UNESP)/Franca-SP, mestre em Linguística pela UNESP/São José do Rio Preto (SP), onde desenvolveu estudo sobre a compreensão dos termos jurídicos, e doutorando em Política Social pela Universidade de Brasília, em que desenvolve o tema da relação entre direito ambiental e políticas públicas.

Endereço do autor:
Noviciado Franciscano
Caixa Postal 69
75701-970 Catalão - GO
E-mail: marciorique@unb.br

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1 - Quais são, na sua opinião, as principais causas da grave crise ambiental que enfrenta a humanidade hoje?
2 - Como religiosas e religiosos podem colaborar na busca de soluções viáveis para o problema?
3 - No seu contexto existem iniciativas concretas de trabalho nessa área?

De um Deus intervencionista para um Deus acionista na História

Frei Moacir Casagrande, OFMCap.

Para começo de conversa.

Estou inquieto com a onda de espiritualidade *"verticalizada"* atribuída ao Espírito Santo com um reforçado culto ao intervencionismo de Deus na história e a retomada de uma espiritualidade ascética, sacrifical e mortificante, em vista da luta contra o mal, instalado visceralmente na pessoa humana. Com esse tipo de redescoberta do Espírito, a ação salvífica do Filho, processada na encarnação que assume a condição humana, com todos os limites e possibilidades, é desconsiderada quando não desprezada.

A *dimensão vertical* da ação divina na história é uma realidade particularmente apresentada no Primeiro Testamento, mas a *horizontalidade* da ação de Deus é protagonizada por Jesus que nos revela a grande verdade até então incompreendida. Ele nos revela que Deus é Trino: Pai, Filho e Espírito e age sempre em comunhão. Assim sendo, a comunhão é também nossa meta. O desafio que, de fato, precisamos assumir é o de uma espiritualidade que seja centrada na Trindade porque é assim que vemos e confessamos Deus nosso Senhor.

Enquanto a espiritualidade focada no *sacrifício* convida a desconfiar constantemente do corpo e a espiritualidade *verticalizada* procura dispensar o corpo, a espiritualidade *trinitária*, convida cada pessoa a assumir o próprio corpo com templo e lugar de manifestação da divindade por excelência. A nossa espiritualidade não é da anulação do corpo e nem da alienação ou desencarnação, pelo contrário, a *"Palavra se fez carne e habitou entre nós"* diz o evangelista (Jo 1,14). *"Bendito é o fruto do teu ventre"* (Lc 1,42) exclama grávida a anciã Isabel, no encontro com a jovem Maria grávida. Não resta dúvida que o caminho da *relação trinitária* nos é magistralmente apresentado pela vivência de Jesus. É por ele que chegaremos a uma abordagem coerente da espiritualidade.

A exaltação bem como a exultação são gestadas no âmago da pessoa, conseqüência de um profundo processo de encarnação. "Ele tinha condição divina, mas não se apegou à sua igualdade com Deus. Pelo contrário esvaziou-se a si mesmo assumindo a condição de servo" (Fl 2,6-7). Uma vida doada, entregue sem reservas à causa do Reino experimenta, ao mesmo tempo, a finitude e a plenitude.

Mas este não é um problema desta ou aquela pessoa da Trindade, é sim problema criado por leituras parciais feitas em relação à ação das pessoas da Trindade ao longo da história na leitura salvífica da mesma.

Pentecostalismo.

Há pelo menos duas décadas tem sido retomada com insistência a dimensão intervencionista de Deus na história através do movimento pentecostalista que atribui ao Espírito Santo um *show* de ações miraculosas de Deus. Parece que o medo do secularismo e da banalidade de um Deus feito gente possa ser contraposto ao

intervencionismo voluntário do Deus que habita outros espaços e se faz presente de acordo com os méritos dos seus caros adeptos suplicantes.

Muito se tem falado a respeito e muita coisa tem sido atribuída a esta terceira pessoa da Santíssima Trindade. Em nome do Espírito Santo muito tem sido feito, inclusive banalidades. Por isso convido, antes de qualquer expressão mais incisiva, a observar com atenção o que os autores sagrados falam do Espírito Santo, enfatizado na relação com a vida de Jesus histórico, pois com ele se inaugura, melhor dizendo, se revela, a face do Deus que age ininterruptamente na história. Um Deus cuja presença é permanente e independe da bondade, da atenção ou do culto a ele prestado pela humanidade.

Todos os dons vêm do Espírito. Ele é o doador, distribuidor, mas cada dom é especifico, nem um é igual ao outro. Há sempre uma originalidade que caracteriza a unicidade de cada pessoa, de cada ser.

O lugar do Espírito.

O apóstolo Paulo nos oferece uma magistral orientação para entendermos a *economia trinitária* da salvação e a conseqüente prática espiritual dela derivada. Há uma relação muito estreita entre a divindade e a humanidade, na história. É o que podemos aprender da Primeira Carta aos Corintios. Ele começa nos advertindo que os dons do Espírito não são uma realidade a ser pedida, mas a ser percebida e assumida. Nascemos, viemos à existência histórica, com dons, melhor dizendo, como *dons* do Espírito em potencial, isto é, com a capacidade de ser, construir, realizar. Essa capacidade é graça, infinitamente diversificada e genuinamente original. "*Há diversidade de dons mas o Espírito é o mesmo*" (1Cor 12,4). Desde o ventre de nossas mães, antes ainda disso, somos potencializados com a graça para que possamos desenvolvê-la e sê-la." *Antes mesmo te modelar no seio materno, eu te conheci; antes que saísses do seio, eu te consagrei*" (Jr 1,5). Cada um de nós entra na história como *dom*, chamado a identificar, desenvolver e multiplicar o dom especifico, intercambiando com as outras pessoas de modo a fazer da humanidade uma comunidade eucarística, isto é, de acolhida, oferta e partilha de dons.

Todos os dons vêm do Espírito. Ele é o doador, distribuidor, mas cada dom é especifico, nem um é igual ao outro. Há sempre uma originalidade que caracteriza a unicidade de cada pessoa, de cada ser. A origem comum garante a possibilidade de comunhão e a diferença garante a responsabilidade pessoal de cada um para a constituição da comunidade e a construção do bem comum, para humanização da história e do mundo segundo o desígnio do próprio Deus. Portanto, o Espírito nos habita e do íntimo de nós mesmos levanos a desabrocharmos toda a graça que somos ou, melhor dizendo, que podemos ser. Não é, portanto, o caso de pedir que ele venha, mas de nos abrir para que ele floresça em todo o seu frescor.

O serviço do Filho.

Como atuar os dons? Segundo Paulo aí está a maestria do Filho: "(Há) *diversida-*

de de ministérios (serviços) *mas o Senhor* (Jesus-Filho) *é o mesmo*" (1Cor 12,5). O Espírito distribui os dons, o Filho apresenta o modo próprio de atuá-los. Realizamos, multiplicamos, plenificamos a graça, colocando-a a serviço (Mt 25,14-30). Não é sem razão que Jesus insiste na formação dos apóstolos: "*Aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós seja o servo de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos*" (Mc 10,43-45). Servir solidariamente, servir gratuitamente, servir construindo comunhão, eis o caminho que garante o cultivo da espiritualidade trinitária. Merece ainda destaque e aprofundamento a fantástica lição de serviço, oferecida por Jesus, no lava-pés (Jo 13,1-17). Jesus, em sua vida e condição humana, nos oferece o modo de atuar o *dom* recebido, de modo a favorecer a plenitude de cada ser, na comunhão de todas as criaturas com o criador.

A obra do Pai.

Paulo conclui o principio dizendo: "*Há diferentes obras, mas é um mesmo Deus* (Pai) *que realiza tudo em todos*" (1Cor 12,6). Isso significa que, do ponto de vista da criatura, Deus Pai é o coroamento do processo. Começa-se pelo reconhecimento e assunção da diferença, descobre-se nela o especifico de cada ser que, por meio de uma ação ministerial, isto é, serviçal chega a uma obra total, de comunhão e plenitude. Em vez de partir do Pai parte-se do Espírito. Em vez de partir da unidade parte-se da diferença. A unidade é uma realidade construída na relação solidária, comunicante e comungante das diferenças.

Esse modo de ver e viver a espiritualidade caracteriza não a intervenção, mas a ação continuada e sempre atual de Deus na criação, especificamente na história da humanidade. A satisfação, a participação na plenitude da graça, ou ingresso no céu, como se costuma dizer depende do desenvolvimento e da multiplicação dos dons que recebemos desde o ventre materno, servindo na gratuidade. Basta conferir o que diz Mateus (25,14-30). Os que desenvolveram os talentos (dons), foram convidados a alegrarem-se com seu senhor (25,221-22), mas aquele que enterrou o talento, além de perdê-lo, foi lançado nas trevas onde há choro e ranger de dentes (25, 30).

Segundo Paulo "*é impossível alguém dizer Jesus é Senhor a não ser no Espírito Santo*" (1Cor 12,3). Isso quer dizer que toda a boa fala e toda a boa ação só é possível no Espírito Santo e nenhuma boa ação pode ser atuada sem partir dele. Mas a ação que parte do Espírito é desenvolvida no Filho, culminando no Pai.

Os evangelistas.

Observemos agora, como acontecem, segundo as narrativas do evangelho, as revelações ou comunicações do Espírito Santo e sua relação com a história. Como a pessoa é comunicada, como ela reage, como ela integra e quais são as conseqüências dessa relação estabelecida. Cremos que isso nos possa oferecer uma boa e contextualizada leitura da presença e ação do Espírito.

Um anúncio desconcertante.

O Espírito Santo gera Jesus em Maria, através de um encontro na casa dela, em Nazaré (Lc 1,26-38). Uma pessoa comum,

num lugar comum em momento inesperado é convidada a protagonizar uma realidade única. Segundo o evangelista Lucas (1,29), ela ficou grandemente perturbada, perguntando-se sobre o significado da saudação. Aí, a presença do Espírito vem antecedida de uma tomada de consciência da ação que Deus pretende realizar através da pessoa de Maria e de seu livre consentimento. A ação do Espírito não despreza, mas exige o exercício da razão, isto é, envolve o exercício de todas as capacidades humanas. É claro que pede um passo de fé, mas enraizado, fundamentado em todos os elementos do processo cognitivo e convocando a razão.

Eis a pergunta: *"Como será isso visto que não conheço homem?"* (Lc 1,34). Maria quer entender a lógica da nova proposta. Deus não se nega a oferecer o que for necessário para contar com nosso sim. Lucas (1,35) nos fala da dificuldade que Maria tem para entender como ser mãe sem participação masculina. A saudação do anjo põe Maria na confusão. O diálogo ajuda Maria a abrir-se a uma realidade que vai muito além de sua capacidade de entendimento e de ação. O diálogo a leva a dar-se à participação dessa nova realidade. Temos aí o importante dado: o verdadeiro diálogo parte da condição humana em que a pessoa se encontra, para, com seu consentimento e participação, elevá-la a uma nova condição. O Espírito age no humano e no cotidiano.

O evangelista Mateus nos diz que Maria ficou grávida por obra do Espírito Santo (Mt 1,18.20) e isso causou muitos transtornos a José que não conseguia entender e nem explicar o acontecido. José é tomado por um pesadelo por que sua razão não consegue entender os fatos. Novamente, sem desprezar a razão, ele é convidado a fazer uma adesão de fé. O Espírito Santo traz a claridade só depois que José enfrenta a escuridão. A clareza lhe vem depois de ter passado pelo pesadelo da dúvida. Isso mostra que a ação do Espírito não dispensa a ação humana até onde ela possa alcançar, mas leva a pessoa a encontrar-se com os próprios limites e abrir-se ao transcendente, sem deixar de ser humana, carnal, histórica.

Tanto em relação a José, quanto em relação à Maria, a ação do Espírito não se realiza à revelia, mas com o consentimento e a participação deles. Parece haver, portanto, uma estreita relação entre o Espírito e a capacidade que cada pessoa tem de tomar decisões, na liberdade do inteiro contexto de sua humanidade.

A ação do Espírito não despreza, mas exige o exercício da razão, isto é, envolve o exercício de todas as capacidades humanas.

Uma nova leitura da historia.

Destacamos aqui três personagens: Isabel, Simeão e João Batista. Os dois primeiros presentes somente no evangelho segundo Lucas. O terceiro presente em todos os evangelistas.

a) O encontro.

Maria se encontra com Isabel em Ain Karin, nos arredores de Jerusalém. Isabel acolhe Maria em sua casa e prorrompe em ação de graças. O júbilo parte das entranhas das mulheres e se expressa em hinos de louvor profundamente comprometidos

com a história. A proclamação de Isabel em relação à Maria, bem como a de Maria em relação a Deus (Lc 1,41), também revela a relação que existe entre o Espírito e a acolhida das pessoas e mais ainda, o entendimento da novidade de Deus na história. Quem poderia, na simplicidade humana, ver numa jovem de Nazaré, a realização do projeto salvífico de Deus? Quem poderia discernir aí uma nova fase da história, o resgate e a plenificação da humanidade?

O Espírito Santo impulsiona para uma ação concreta em favor de Deus, ação esta, que não se resume a uma explosão de louvor, mas que leva a uma atitude concreta em relação à história.

O Espírito Santo impulsiona para uma ação concreta em favor de Deus, ação esta, que não se resume a uma explosão de louvor, mas que leva a uma atitude concreta em relação à história. É claro que pode passar, e muitas vezes passa, por um júbilo muito especial de alguém que consegue ver muito além do que via até então. O Espírito Santo dá a Isabel e a Maria a clareza do desígnio histórico de Deus, em favor da humanidade, na história. Das entranhas das mulheres brota o louvor a Deus por uma nova humanidade.

b) O caminho.

O ancião Simeão é provocado a caminhar. Fato curioso, pois em geral os anciãos são convidados a sentar e descansar. Simeão deve ir ao templo de Jerusalém. O encontro com o menino, leva o ancião a romper exultante em louvor e ação de graças, porque seus olhos vêem a salvação germinando. Isso nos é apresentado como profecia. O Espírito Santo revela a Simeão que verá o Messias prometido (Lc 2,25-27). Trata-se de uma capacitação profética, não como privilégio de uma pessoa que viveu a santidade, mas como uma participação explícita no projeto salvífico de Deus em favor da humanidade que espera. Simeão não foi ao templo para ser beneficiado, mas para ser a voz de um povo que espera, para ser arauto de um povo que busca e para publicar a graça escondida aos olhos de quem não consegue ver além das aparências, do histórico localizado e parcial.

c) A missão.

João, o Batista, aparece no deserto da Judéia e desenvolve sua ação profética junto ao rio Jordão. Assume como missão própria, uma vigorosa exortação à conversão. O que se pode dizer com discrição a respeito de Simeão se deve dizer a plenos pulmões a respeito de João Batista. Os evangelistas (Mc 1,8; Mt 3,11 e Lc 3,16) nos apresentam João com a clara consciência de que sua obra é circunstancial. *"Eu batizo com água mas o que vem depois de mim*(ele) *vos batizará com o Espírito Santo e com fogo"*. Está clara a necessidade de interação entre o Espírito Santo e a pessoa humana. Aparece também com força a relação entre a realidade e o simbolismo que a mesma realidade pode expressar. A água prefigura o Espírito cuja descrição é sempre insuficiente. A ida para a água é uma convocação, mas é, ao mesmo tempo, uma expressão de disposição para a nova realidade proposta. A profecia do Espírito em João empurra para a nova realidade no Espírito em Jesus.

O papel do Espírito na relação de João Batista com Jesus.

Os textos chaves são relativos ao batismo no Jordão (Mc 1,9-11; Mt 3,16-17 e Lc 3,21-22). O batismo de Jesus é ao mesmo tempo ato revelador e testemunhal. Nessa narrativa, de riqueza inesgotável, encontramos elementos que evidenciam a relação e o lugar do Espírito Santo na vida de Jesus e conseqüentemente na história da humanidade. Mas o batismo de Jesus é também paradigma da relação trinitária na historia da salvação. Todos os textos Sinóticos nos apresentam, no batismo de Jesus, o Espírito Santo descendo sobre ele e o Pai fazendo a grande declaração: *"Tu és (este é) o meu filho amado...."*(Mc 1,11; Mt 3,17 e Lc 3,22). Assim a missão do Filho é também do Espírito e do Pai.

Não esqueçamos que, segundo os evangelistas Lucas e Mateus, Jesus foi concebido por obra do Espírito Santo. Como explicar que Jesus, concebido pelo Espírito Santo, necessite de batismo, de revelação e de assistência do Espírito Santo? O evangelista Mateus se preocupa com isso quando apresenta João se negando a batizar Jesus: *"Eu é que preciso ser batizado por ti e tu vens a mim?"* (Mt 3,14). A enigmática resposta de Jesus *"Deixa, agora é assim que nos convém cumprir toda a justiça"*(Mt 3,15), mostra que um novo paradigma entra na relação humano-divino por meio da pessoa de Jesus. Tal relação vai exigir uma desconstrução de noções e parâmetros aprendidos e cultivados por parte de João Batista.

A relação com o divino no humano, na história, escapa à organização hierárquica estabelecida pela humanidade. A desconstrução e a nova relação começam aqui, no batismo de Jesus. Tanto João quanto Jesus, precisam submeter-se fielmente à vontade de Deus. O projeto salvífico é trinitário, o desenvolvimento, a atuação dele também. Há uma relação inter comunicante entre as pessoas trinitárias na e com a humanidade de Jesus e, por ela, com todo o gênero humano.

Por que o Filho, gerado no Espírito por vontade do Pai precisa cotidianamente do Pai e do Espírito? Parece que não há uma ação definitiva, mas uma introdução na *"dinamis"* da graça. A cada passo da vida e da missão de Jesus encontramos uma nova manifestação do Pai ou do Espírito. Isso, a meu ver, expressa o dinamismo que existe no interior de Deus e o dinamismo que esse mesmo Deus coloca no interior da história para provocar sempre inéditas realidades. Nova situação, nova conjuntura ou novos contextos, revela ou propicia, nova expressão do mesmo Espírito. O batismo é, ao mesmo tempo, a manifestação pública da adesão do Filho ao projeto do Pai e a manifestação íntima e pública do sim do Pai a adesão do Filho expressa no e pelo Espírito Santo.

O Espírito empurra Jesus para o deserto da Judéia (Mc 1,12-13; Mt 4,1-11 e Lc 4,1-13).

Este acontecimento revela um enfrentamento dos modos desumanos de satisfazer as necessidades básicas da pessoa humana. Parece óbvio que a tentação esteja ligada a um discernimento vivencial e missionário, basta acompanhar os textos. O evangelista Marcos diz: *"Em seguida o Espírito empurrou Jesus para o deserto..."* Mateus diz: *"O Espírito conduziu Jesus ao deserto para ser tentado..."* e

Lucas afirma: *"Jesus repleto do Espírito Santo era conduzido por ele pelo deserto..."*

É de uma concretude fantástica a expressão de Marcos. A missão do Espírito é colocar Jesus, o *"homem-Deus"* frente a frente com o *"homem-Diabo"*. Melhor dizendo: a missão do Espírito é colocar frente a frente, na pessoa de Jesus, as dimensões simbólica e diabólica da mesma pessoa humana. O deserto é o lugar do confronto, ação necessária para o discernimento, mas o confronto para o discernimento é obra do Espírito Santo. O Espírito empurra para o deserto, para o desafio, para o compromisso, para a saída de si mesmo, uma abertura à história, aos outros, a Deus.

Não podemos esquecer que a tentação não se dá em elementos circunstanciais, artificiais ou secundários. O episódio da tentação está relacionado às necessidades básicas, fundamentais para a existência e sobrevivência de todo e qualquer ser humano, a saber: pão, isso é, alimento das necessidades fisico-biológicas; identidade, isto é, alimento dos ideais e projetos de realização; Acolhida e admiração, isto é, alimento do sentido das relações.

O real problema se revela, desde o início, no modo como as pessoas satisfazem essas necessidades básicas. Há um modo simbólico, integrativo, potencializador e um modo diabólico, dispersivo e destruidor. O Espírito proporciona a Jesus realizar, de maneira definitiva, por meio de sua humanidade, para toda a humanidade, o discernimento do caminho que realmente conduz à vida.

O Espírito proporciona a Jesus realizar, de maneira definitiva, por meio de sua humanidade, para toda a humanidade, o discernimento do caminho que realmente conduz à vida.

a) **Jesus é tentado a satisfazer a fome de qualquer jeito.** A pessoa precisa comer, manter-se viva, de pé. Há um modo de satisfazê-la sem Espírito, isto é, de qualquer jeito e a qualquer preço como se tudo o mais estivesse à isso subjugado, simbolizado por *"transformar pedras em pão"*. Mas há um modo orientado pelo Espírito, isto é, moderado, equilibrado e organizado, de saciar a mesma fome na mesma pessoa, simbolizado em *"nem só de pão vive o homem..."*. Se o pão de trigo alimenta a vida, o pão da instrução pela Palavra garante o sentido dela, um não se sustém sem o outro, pelo contrário, um garante o outro. Há um procedimento de saciar a fome, orientado pelo Espírito e um procedimento sem Espírito. Sentir fome e saciar-se é tão normal, tão natural, que muitos têm dificuldade de ver nisso uma prática verdadeiramente espiritual e divina. Quem de nós se dá conta disso?

b) **É tentado a forçar a intervenção do Pai.** A pessoa precisa crescer, ser alguém na vida. Todos nascem dependentes e empreendem um processo de desenvolvimento que leva à uma relação interdependente ou, melhor dizendo, solidária. No caminho que cada pessoa empreende, de ser ela mesma e construir sua história, sua identidade, pode usar as outras como instrumentos em favor de si e de seus projetos. É o caminho sem Espírito, simbolizado pelo jogar-se do pináculo do templo para ser acudido pelo Pai. É o tipo de filho que apronta o que bem quer porque sabe que o pai pode e vai sempre protegê-lo.

Mas a pessoa pode também crescer num processo de intercâmbio participativo, de troca solidária, de acolhida e construção mútua, de reconhecimento da presença da outra como dom, graça, carinho de Deus. É o jeito que revela o Espírito no humano e o humano no Espírito, às vezes até sem muita consciência de nossa parte.

c) **É tentado a comprar o afeto e a admiração.** A pessoa precisa de afeto, precisa ser amada por outra pessoa. Não é possível manter-se humano perdendo uma relação afetiva livre, espontânea e gratuita. Ninguém pode comprar ou vender a própria dignidade e o reconhecimento da sua pessoalidade. Ela só pode ser acolhida, reconhecida e cultivada. Dar todos os reinos do mundo para ser adorado é comprar o reconhecimento, é mendigar o afeto. Aí está uma relação sem Espírito, isto é, que desumaniza. Adorar somente a Deus é reconhecer a relatividade e a finitude do presente, mas experimentar nesse mesmo presente o sabor da plenitude e da eternidade, é discernir o passageiro no definitivo e o eterno no transitório.

As necessidades, aqui elencadas, são tão elementares que dificilmente alguém reflete o modo como procede para satisfazê-las, mas é nelas que se encontra a origem da construção da humanidade ou da desumanidade. Dificilmente alguém percebe ação, presença do Espírito aí, mas o texto das tentações enfrentadas por Jesus revela isso. No humano de Jesus, por obra do Espírito Santo, é resgatada definitivamente, toda a humanidade. Eis o nosso desafio, discernir e acolher a manifestação cotidiana quase imperceptível do Espírito que sempre, em todo o tempo e lugar manifesta o rumo da felicidade nos desafiando na fidelidade.

Necessário se faz reconhecer e comungar a ação do Espírito no cotidiano, no doméstico por mais simples, corriqueiro ou trivial que pareça, pois é aí que se verifica a verdade de nossa vida de todos os tempos, o tempo todo.

Jesus na sinagoga de Nazaré lê e atualiza Isaías.

O evangelista Lucas coloca o Espírito Santo na origem da compreensão da própria missão de Jesus (Lc 4;18-19). O que o Espírito concede a Jesus capacita-o a agir em favor do povo, do mundo. De fato o texto diz: *"O Espírito do Senhor está sobre mim por que ele me ungiu (consagrou) para anunciar o Evangelho aos pobres, enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor"* (Lc 4,18-18 citando Isaias 61,1-2ª). A unção do Espírito tem um objetivo preciso: acompanhar o Filho no exercício da missão salvífica e inseri-lo no processo libertador da humanidade.

Eis o nosso desafio, discernir e acolher a manifestação cotidiana quase imperceptível do Espírito que sempre, em todo o tempo e lugar manifesta o rumo da felicidade nos desafiando na fidelidade.

Para onde o Espírito leva e para que? O texto é claro, o Espírito leva para junto dos pobres para dar-lhes boas notícias, para junto dos presos para libertá-los, para junto dos cegos para recuperar-lhes a vista, para junto dos oprimidos para tirar-

lhes o jugo, etc... e não se trata de promessa para realização, mas da realização do que foi prometido. Diminuir a distância entre o futuro e o presente é obra do Espírito e de quem se dá à ele. Essa boa notícia é uma verdade objetiva que a ninguém exclui. O Espírito, na pessoa de Jesus, em comunhão com o Pai, age em favor da transformação da realidade concreta, atual. A força da unção se materializa em ação em favor de uma nova humanidade.

"Não vos alegreis por que os espíritos se vos submetem, mas alegrai-vos por que vossos nomes estão escritos nos céus" (Lc 10,20).

Lição aprendida na missão.

Em algum lugar da Samaria, a caminho para Jerusalém Jesus prorrompe em Louvor ao Pai. O contexto maior nos coloca uma partilha de 72 discípulos, enviados a um exercício evangelizador pelo próprio Jesus. Depois que cada um relata sua experiência, Jesus ajusta-lhes o foco da verdadeira alegria: *"Não vos alegreis por que os espíritos se vos submetem, mas alegrai-vos por que vossos nomes estão escritos nos céus"* (Lc 10,20). O que significa: não se alegrem pelo fruto de vosso trabalho, mas alegrem-se sim por poder trabalhar, fazer parte da construção do Reino. Nessa hora, diz Lucas: *"Jesus exultou sob a ação do Espírito Santo e disse: Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, por que ocultastes essas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado"* (Lc 10,21). Louvor este que nasce do mais profundo de seu ser e o envolve totalmente (Lc 10,21).

O que leva Jesus a tal louvação? É uma descoberta, uma constatação, que mais uma vez, parece ir ao caminho contrário da lógica humana. Os sábios e inteligentes não concebem a atuação do Reino de Deus, mas não acontece o mesmo com os pequeninos. E quem são estes pequeninos a que Jesus se refere? O termo grego *"nepiois"* que aparece 15 vezes no Segundo Testamento, pode ser traduzido por criança pequena que ainda não sabe falar, mas também por pessoa ingênua, boba, sem expressão. O contexto deixa claro que há uma contraposição entre os sábios e entendidos e os pequeninos. Estes são visto no lado contrário dos sábios e entendidos.

Será que há necessidade de uma ignorância humana para que as realidades divinas tenham espaço de manifestação? Não será isso simplicidade, abertura de coração e de mente que evita a auto suficiência e soberba?

O recebido é prometido: de Jesus para seus/suas seguidores/as (Mc 13,11; Mt 10,20; Lc 11,13 e 12,12).

Sempre em contexto de envio, de missão Jesus encoraja seus discípulos prometendo a assistência do Espírito Santo. Tal assistência não livra do confronto, das adversidades e do sofrimento, mas favorece a superação. Em Marcos, por exemplo, depois de ter deixado os discípulos cientes da carga de adversidades que precisa ser enfrentada na missão para perseverar no caminho do Reino de Deus e depois de ter afirmado que o Evangelho precisa ser proclamado a todas as nações, Jesus diz:

"Quando vos levarem para vos entregar, não vos preocupeis com o que havereis de dizer; mas o que vos for indicado naquela hora, isso falareis, pois não sereis vós que falareis, mas o Espírito Santo" (Mc 13,11). O evangelista Mateus, também em contexto semelhante diz: *"O Espírito do Pai é que falará em vós"* (Mt 10,20). Conforme Lucas *"O Espírito Santo vos ensinará naquele momento o que deveis dizer"* (Lc 12,12). A assistência do Espírito está relacionada à uma entrega ao Filho e à sua causa. A pessoa esquece de si, se dá toda à causa de Jesus, o Espírito a acompanha.

Segundo o evangelista João esse tema é particularmente desenvolvido por Jesus no discurso da despedida. "Se me amais, observareis meus mandamentos, e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito para que convosco permaneça para sempre. O Espírito da Verdade que o mundo não pode acolher por que não o vê nem o conhece. Vos o conheceis porque permanece convosco" (Jo 14,15-17). Aqui o Espírito é da Verdade que faz frente à mentira, que oferece um discernimento infalível, contanto que os discípulos amem a Jesus e observem seus mandamentos. A assistência do Espírito está intimamente conectada à observância do mandamento do amor dado e testemunhado por Jesus. O Espírito garante também a atualidade do ensinamento de Jesus." O Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse" (Jo 14,26). Dentro da história que passa existe algo que permanece, é o fio condutor que garante o rumo e o êxito do caminhante. Estar conectado à esse fio é o segredo da realização.

Eis o nosso desafio, discernir e acolher a manifestação cotidiana quase imperceptível do Espírito que sempre, em todo o tempo e lugar manifesta o rumo da felicidade nos desafiando na fidelidade.

A grande polêmica (Mt 12,22-32; Mc 3,29; Lc 12,10).

Temos aqui, muito claramente o desafio de ver, na ação de Jesus, a ação do Espírito e do Pai. As autoridades de Israel precisam reconhecer que Jesus cura pessoas e expulsa demônios com o poder de Deus. O Espírito se manifesta e opera no ministério de Jesus. Constatar o bem e não reconhecer, só por que não se enquadra nos princípios estabelecidos, é ignorância, mas acusar de pacto com o diabo é exceder todos os limites. Daí a pesada afirmação: *Se alguém disser uma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á perdoado, mas se disser contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem nesta era e nem na outra* (Mt 12,32).

De fato, há ações passíveis de confusão, isto é, difíceis de saber se são simplesmente humanas ou se contam com o Espírito divino, mas há ações que evidentemente fogem da alçada do simples humano, realizadas porém no humano. Quem não se abre para tal realidade torna impossível a ação divina dentro de si, daí a afirmação: *Não lhe será perdoado, nem nesta vida, nem na outra* (Mt 12,32). A ação do Espírito em Jesus não é percebida ou acolhida pelas autoridades religiosas porque não corresponde

às normas estabelecidas. Revela, porém, um profundo respeito e dedicação à questão humana, particularmente lá onde ela se encontra mais machucada.

O evangelista João se ocupa em apresentar alguns comportamentos que caracterizam a pessoa aberta ao Espírito e evidenciam as razões do confronto entre Jesus e as autoridades que querem controlar o Espírito. Não teme a noite, as trevas e a escuridão (Jo 3,1-3). Não se submete aos interesses carnais, isto é, dos instintos egoístas que habitam a pessoa humana, mas vive na carne e precisa dela para realizar as coisas de Deus (Jo 3,5-6).Tem um novo nascimento, isto é, sai de si mesmo, nasce para a alteridade. É livre, como o vento, é capaz de ver e transcender as realidades materiais e históricas sem alienar-se delas. *"O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito"* (Jo 3,8). Do seu seio jorrarão rios de água viva (Jo 7,37-39). De pote receptor se transforma em fonte doadora, de captadora em distribuidora.

Os discípulos são encarregados de testemunhar tudo quanto Jesus fez e ensinou, para isso contam com a assistência do Espírito.

A continuidade.

A missão de Jesus histórico continua na história através dos discípulos e discípulas dele, com a assistência do mesmo Espírito. Os evangelistas Lucas e João insistem que Jesus promete aos discípulos e discípulas continuidade da assistência do Espírito Santo, o mesmo que o acompanha e assiste. Segundo Lucas, Jesus ressuscitado explica claramente as Escrituras acerca da Ressurreição e diz aos discípulos: *"Vocês são testemunhas disso. Eis que eu enviarei sobre vós o que meu Pai prometeu. Por isso permanecei na cidade até serdes revestidos da força do Alto"* (Lc 24,48-49). Em Atos 1,8 o refrão se repete acrescido de algumas explicações: *"Recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra".*

Os discípulos são encarregados de testemunhar tudo quanto Jesus fez e ensinou, para isso contam com a assistência do Espírito. É no engajamento, na ação evangelizadora e salvadora de Jesus que o discípulo obtém o revestimento da *força do Alto*, isto é, o Espírito Santo. Além do conteúdo, se explicita também o espaço de atuação. Partindo da realidade local onde a experiência de Deus é feita, segue como uma onda até transcender todas as fronteiras da terra.

Segundo Lucas isso acontece 50 dias após a ressurreição de Jesus depois de 40 dias de instruções e mais 10 de ascensão (At 1,3 e 2,1). Mas conforme João isso acontece no mesmo dia da ressurreição, isto é ao terceiro dia. *"À tarde desse mesmo dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas onde se achavam os discípulos, por medo dos judeus, Jesus veio e, pondo-se no meio deles, lhes disse: a paz esteja convosco!...Como o Pai me enviou eu também vos envio. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: recebei o Espírito Santo...."*(Jo 20,19.21.22).

Deixando de lado a discussão sobre a pretensão histórica de Lucas, podemos verificar a maravilhosa concretude da ação do Espírito na pessoa histórica de Jesus e por conseqüência na pessoa histórica de seus continuadores. O discípulo é enviado com a mesma missão e o mesmo poder que o Filho-Jesus, recebe do Pai e exerce sua missão no Espírito Santo, que lhe confere, entre outras, a capacidade de reconciliação, de redenção e de condução da humanidade à plenitude da graça.

É ainda importante verificar a estreita relação entre o Espírito Santo e a ação das pessoas comprometidas com evangelização reportada por Lucas em Atos dos Apóstolos. O Espírito age em e por meio das pessoas que se dão à causa e não as livra do confronto, do desafio e do sofrimento. No capitulo segundo relata pentecostes como o dom de línguas, isso é coerente com o mandato de Jesus. Jesus as envia à todas as nações e o Espírito as capacita para falarem a todas as nações.

O Espírito assiste os apóstolos Pedro e João diante do Sinédrio (At 4,8). Assiste Pedro diante da fraude, que coloca em perigo a Igreja, provocada por Ananias e Safira (At 5,3.9). Orienta a Igreja diante da crise instalada, inspirando a criação de novos ministérios, constituindo diáconos entre os que estão sendo prejudicados (At 6,3). Assiste a Estêvão, testemunha fiel e mártir da fé (At 7,51.55). Acompanha e orienta Filipe na evangelização do etíope (At 8,26.29.39). Capacita Saulo para a Evangelização (At 9,17). Aproxima Pedro do pagão Cornélio e abre, por meio dele, a comunidade cristã a todas as nações (At 10,1-11,18). Provoca o inicio da era missionária da Igreja Cristã entre os gentios a partir da Igreja de Antioquia (At 13,1-5). Assiste ao primeiro concílio da Igreja iluminando as decisões do mesmo (At 15,8.28). Sobrepõe-se aos interesses de Paulo revelando-lhes os reais destinatários do evangelho (At 16,6-7). Oferece a Paulo o discernimento do que lhe aguarda em Jerusalém (At 20,22-23). Pelo Espírito Cristo continua sendo gerado nas comunidades e gerando comunidades (ver Atos capítulos 8, 10, 11 e 16).

Na esteira dessa caminhada histórica chegou a nossa vez. Na assunção de Jesus Cristo e sua causa, o espírito fará conosco ainda grandes coisas.

Frei Moacir Casagrande, OFM Cap.
é membro da Equipe de Reflexão Bíblica ERB – CRB Nacional.

Endereço do autor:
Caixa Postal 417
70359-970 – Brasília – DF

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1 – Você conhece o movimento pentecostalista? Qual é sua opinião sobre ele?
2 – Que textos bíblicos comentados no artigo chamaram mais a sua atenção? Por que?
3 – Que se pode fazer para que nas comunidades se viva uma espiritualidade encarnada na realidade e a partir da Palavra?

CRB

Impresso
Especial
050200140-2/2002 - DR/RJ
CRB
...CORREIOS...

Quadro Programático da CRB 2004-2007

HORIZONTES

1. Uma espiritualidade evangélica que potencialize para o testemunho da partilha, para a profecia e anúncio missionário, e para acolher as mudanças necessárias, frente aos novos tempos.
2. Vida Consagrada como sinal do Reino de Deus na opção preferencial, audaciosa, solidária e transformadora pelos empobrecidos e excluídos.
3. Afirmação da identidade da Vida Consagrada no seu compromisso e missão com a causa da justiça, da paz, da reconciliação, sendo esperança para a vida do mundo, no seguimento de Jesus.
4. Vida Consagrada como espaço de novas relações, particularmente de gênero, de etnias, de gerações e ecológicas.

PRIORIDADES

1. Avançar na construção de alianças intercongregacionais na formação, missão, projetos comuns, e em parcerias com organizações afins.
2. Dinamizar o processo formativo para ser presença profética e testemunho de esperança diante dos desafios da realidade de hoje.
3. Assumir as interpelações das novas gerações em seus dinamismos, exigências e potencialidades.
4. Incentivar a vida fraterna e sororal em comunidade como espaço de testemunho evangélico, na interculturalidade.
5. Cultivar uma mística enraizada na Palavra de Deus como fonte de coragem para responder aos desafios atuais.
6. Resgatar de forma criativa a inserção em meios populares, bem como a missionariedade em regiões carentes, no mundo urbano, *ad gentes* e em realidades emergentes.

REALCES

1. Potencializar uma formação humanizante com particular atenção aos desafios atuais e questões de identidade, liderança, poder e relações na Vida Consagrada.
2. Fomentar uma economia solidária e partilha de recursos humanos e materiais, em vista de um testemunho mais efetivo.
3. Buscar a comunhão com a CNBB, a integração com a CLAR e o diálogo com as novas formas de Vida Consagrada.
4. Cultivar a consciência crítica e o discernimento evangélico que tornem a Vida Consagrada capaz de posicionar-se com determinação diante das situações de injustiça na sociedade.
5. Dar prosseguimento ao processo de sensibilização da Vida Consagrada para questões emergentes, de modo particular vindas da juventude e as novas formas de animação vocacional.
6. Ajudar as congregações e institutos em suas análises institucionais, em vista da refundação.